

LOCUS PARTNER RH
E
IERGS - INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

MARCOS DE NORONHA

O PAPEL DA EMOÇÃO NO APRENDIZADO:
CONEXÕES POSSÍVEIS COM A PEDAGOGIA PSICODRAMÁTICA

FLORIANÓPOLIS
2013

O PAPEL DA EMOÇÃO NO APRENDIZADO:
CONEXÕES POSSÍVEIS COM A PEDAGOGIA PSICODRAMÁTICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Locus Partner RH e IERGS, como requisito final para
obtenção do Título de Psicodramatista Didata – Foco
Psicoterápico - Nível II
Prof.^a Orientadora: Msc. Márcia Pereira Bernardes

FLORIANÓPOLIS
2013

AGRADECIMENTO

Às inspiradas obras que me fizeram rir e chorar;
Aos animais que presenciei na natureza ou em documentários que me
alertaram que a emoção não é um privilégio somente humano;
Aos estudiosos que insistiram nesse tema, apesar dele nos ser tão íntimo
que nos acomoda;
Aos meus pacientes que na exposição de suas dores no hospital e no
consultório me privilegiaram com maior conhecimento;
E finalmente, a minha filha, que envolvida num mundo virtual de telas de
computadores, tablet e telefones, mostrou ser possível reconciliar essa
tentação tecnológica com momentos de abraços e carinho num mundo
real.

Agradeço também a minha orientadora, que não me deixa sossegar
somente na prática das atividades em saúde mental, me estimulando a um
ambiente acadêmico e ao rigor científico.

Epígrafe

"Há dois mil anos, a humanidade sofreu, como nós hoje, uma crise de primeira grandeza. Para as grandes massas, a catarse proveio do Cristianismo, devido a universalidade dos seus métodos e à praticabilidade dos seus instrumentos - amor e confissão, caridade e esperança - em vez da que provia das escolas filosóficas do Egito e da Grécia. Em nosso tempo, as ciências sociais e mentais têm em mira um propósito semelhante ao que a religião atingiu outrora. As massas humanas sofrem de inquietação social e mental. Provavelmente, a catarse virá de novo de instrumentos que combinam a universalidade de método e grande praticabilidade. Um dos métodos mais promissores desenvolvidos nos últimos vinte e cinco anos e que preencheu essas exigências é o método psicodramático." (*Jacob Lévy Moreno*)

O PAPEL DA EMOÇÃO NO APRENDIZADO:
CONEXÕES POSSÍVEIS COM A PEDAGOGIA PSICODRAMÁTICA

Marcos de Noronha *

BANCA EXAMINADORA

Psicóloga Msc. Márcia Pereira Bernardes
Psicodramatista Didata Supervisora
Professora. Orientadora e Coordenadora

Psicóloga Msc. Viviane de Oliveira Almeida
Psicodramatista Didata Supervisora
Professora Avaliadora

Psicóloga Mariana de Fátima F Bertussi
Psicodramatista Didata Supervisora
Professora Avaliadora

Professora Msc. Daniela Althoff Philippi
Doutoranda em Administração/Universidade Federal MS
Professora Avaliadora

RESUMO

No presente estudo busca compreender o papel das emoções no aprendizado e suas possíveis conexões com a pedagogia psicodramática. Os aspectos emocionais que compõe o comportamento humano são estudados antropológica, clínica, sociocultural, fisiológica, psicopatológica, evolutiva e historicamente, além de um apanhado sobre a pedagogia moreniana. Justifica-se este estudo pela necessidade de promover ações menos discriminatórias e mais cooperativas nas salas de aula, integrando recursos dos professores e pedagogos com os provenientes do aluno e do contexto onde este vive, sem perder de vista a perspectiva da ação. Para tanto foi realizado uma pesquisa com a aplicação desta pedagogia em um curso de terapia social, cujos resultados mostraram que e o vivenciar, buscando o resgate do homem livre em ação, premissa básica do psicodrama, bem como a co-construção são facilitadores das manifestações emocionais possibilitando o resgate da criatividade e espontaneidade tão essenciais nos processos educacionais.

Palavras chaves: Psicodrama, Cultura, Emoção, Aprendizado

ABSTRACT

In the present study seeks to understand the role of emotions in learning and their possible connections with pedagogy psychotherapy. The emotional aspects that make up human behavior are studied anthropological, clinical, sociocultural, psychological, psychopathological, evolutionary and historically, as well as an overview on the pedagogy Moreno. This study is justified by the need to promote actions less discriminatory and more cooperative in the classroom, integrating resources for teachers and educators with the coming of the student and the context in which he lives, without losing sight of the action. Therefore a survey was conducted with the application of this education on a course of social therapy, and the results showed that experience, seeking the rescue of the free man in action, the basic premise of psychodrama, and the co-construction are facilitators of emotional manifestations facilitating the rescue of creativity and spontaneity so essential in the educational processes.

Key Words: Psychodrama - Culture - Emotion - Learning

SUMÁRIO

1. <i>CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO</i>	9
2. <i>CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</i>	13
2.1. <i>AS EMOÇÕES</i>	13
2.1.1. <i>A CULTURA E AS EMOÇÕES</i>	16
2.1.2. <i>ASPECTOS PRIMORDIAIS</i>	17
2.1.3. <i>OS SENTIMENTOS</i>	19
2.1.4. <i>A MENTE COMO EXPLICAÇÃO</i>	23
2.1.5. <i>EMOÇÕES COMBINADAS</i>	26
2.1.6. <i>FONTE DAS EMOÇÕES</i>	28
2.1.7. <i>SENSAÇÕES E PATOLOGIAS</i>	29
2.1.8. <i>FUNÇÃO DE CADA EMOÇÃO BÁSICA</i>	34
2.1.9. <i>A EVOLUÇÃO DA EMOÇÃO</i>	36
2.1.10. <i>CONCLUSÕES DARWINIANAS</i>	39
2.1.11. <i>ELEMENTOS DESENCADEADORES</i>	40
2.1.12. <i>A RAZÃO DA EMOÇÃO</i>	42
2.1.13. <i>ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES</i>	43
2.1.14. <i>O COMPLEXO SISTEMA NEUROLÓGICO</i>	45
2.2. <i>O PSICODRAMA</i>	47
3. <i>CAPÍTULO III: METODOLOGIA</i>	54
4. <i>CAPÍTULO IV: ANÁLISE E DISCUSSÃO</i>	58
5. <i>CAPÍTULO V: CONCLUSÃO</i>	67
6. <i>CAPÍTULO VI: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	68

1.CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

O processo de aprender concerne competências individuais, além de habilidades estimuladas num determinado contexto sócio-cultural inibidor ou estimulador deste processo. O aprender visa a produção de conhecimento e interfere no comportamento individual dando uma roupagem ao comportamento coletivo, que no sentido inverso, impõe valores aos integrantes de um determinado grupo. Diversas teorias do aprendizado foram desenvolvidas no decorrer da história envolvendo tanto o comportamento do homem como o dos animais. No presente trabalho vamos focar os novos conhecimentos sobre a emoção na base deste aprendizado e aproveitar das técnicas dramáticas utilizadas na educação pela pedagogia psicodramática. Não se pode escrever sobre aprendizagem sem fazer referências ao desenvolvimento pessoal proporcionado pela educação. O professor recebe seus alunos vindos de diversos contextos educativos, iniciado no seio da família, sabendo de um desafio constante: criar motivação para o aprendizado. O que prevalece nas escolas é o desconforto das cadeiras e imobilidade do estar sentado e passivamente diante de um provedor de conhecimento, o professor, ávidos pela chegada da hora do recreio. Felizmente nem toda pedagogia tem esta formatação de ensino. O criador do psicodrama teve oportunidades de ensinar crianças sofrendo de limitações, no decorrer de sua história, que o inspirou desenvolver métodos a luz da disciplina que vinha desenvolvendo, o psicodrama.

Uma forma de entender a manifestação da emoção na sociedade humana é estudar a catarse. O dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define catarse da seguinte forma: “na religião, medicina, filosofia da Antiguidade grega, libertação, expulsão ou purgação daquilo que é estranho à essência do ser e que, por esta razão, o corrompe.” No mesmo dicionário, na definição estética, afirma que no *aristotelismo* é definida como “descarga de desordens emocionais ou afetos desmedidos a partir da experiência estética oferecida pelo teatro, música e poesia.” Em psicanálise “operação de trazer à consciência

estados afetivos e lembranças recalçadas no inconsciente, liberando o paciente de sintomas e neuroses associadas a este bloqueio.” Na definição da psicologia do referido dicionário, catarse é a “liberação de emoções e tensões reprimidas, comparável a uma *ab-reação*.” Ainda em psicologia, “efeito liberador produzido pela encenação de certas ações especialmente as que fazem apelo ao medo e à raiva, utilizado pelas terapias que se baseiam no *método catártico*. Ainda para nossa reflexão, a etimologia da palavra catarse vem do grego *kátharsis* que se refere à “purificação, purgação; mênstruo; alívio da alma pela satisfação de uma necessidade moral...” (Housiss, 2001)

O psicodrama procura criar um espaço cênico apropriado para a ação dos participantes, onde nele pode se reviver papéis e relações. Moreno desenvolveu esta disciplina a partir dos insights que teve ao perceber que o teatro poderia mobilizar recursos para recuperação dos portadores de distúrbios emocionais. Na história a figura de Aristóteles é relacionada pelas suas reflexões sobre o espetáculo trágico. Este filósofo nasceu na Grécia em 384 a.C.¹ e vinha de uma família com vários médicos, talvez aí se explique seu interesse pela biologia e fisiologia. Em Atenas estudou na academia de Platão e posteriormente no Liceu, onde o enfoque era maior nas ciências naturais. Foi ele quem criou o conceito de catarse. Não tinha o interesse no espetáculo de teatro em si, mas em seu impacto sobre o público. Concluiu Aristóteles que o espetáculo trágico para ser considerado uma obra de arte, tinha que provocar um efeito purificador sobre a platéia, de purgação das emoções, ou seja, uma catarse geral. Sua atenção de buscar nos recursos culturais um aspecto terapêutico revela uma base histórica e precursora do que, no futuro, foi objeto de estudo da etnopsiquiatria e o fato de tê-lo encontrado no teatro, foi uma inspiração a Moreno, criador do psicodrama. Considerando a formação médica de Aristóteles é bastante compreensível seu foco de atenção a busca de um remédio para a alma, que funcionaria coletivamente a partir das identificações do público com as cenas e com os sofrimentos e expressões dos protagonistas das peças teatrais. Vale ressaltar que um dos temas mais comuns das tragédias gregas é a figura do herói, que no auge de suas conquistas e de sua radiante vitalidade se depara, repentinamente, com uma desgraça que altera

¹ Stágiros na Calcídice, território macedônico naquela época.

bruscamente seu destino. O que deve gerar nos espectadores ao se deparar que até mesmo os fortes conquistadores podem sucumbir? E de que forma as representações teatrais, substituindo as simples narrativas, podem intensificar os efeitos sobre as emoções dos espectadores? Porque a intensidade destes efeitos é almejado pelo público e o que esta atração pode revelar no nosso estudo sobre as emoções? Em que medida a dramatização se constitui num recurso para o aprendizado?

São conhecidos e tem origem remota os rituais nas sociedades tradicionais, uma atividade sistemática, geralmente de cunho religioso. Este conjunto de cerimônias pode ter objetivos diversos, assim como a de purificação (eliminação de possessões maléficas), iniciação (de um jovem às obrigações e status da idade adulta, por exemplo) e descarga de desordens emocionais ou afetos desajustados. Mesmo na sociedade moderna cerimônias catárticas acontecem. Psicoterapias dinâmicas, como o Psicodrama, criam cenários que fazem os participantes trazerem a consciência ou simplesmente recordarem, estados afetivos e lembranças antigas. Mesmo as terapias em grupo de modo geral, podem criar ambientes que propiciam manifestações das emoções num clima de acolhimento e identificação. As práticas das relações interpessoais que valorizam aspectos socioculturais dos fatos sociais nasceram de uma série de constatações que implicavam na melhoria dos resultados terapêuticos. Trata-se de técnicas diversas, algumas desenvolvidas tendo como base a etnopsiquiatria, como a Terapia Social (2007), que se utiliza dos ensinamentos da etnologia somados a psicologia estimula o aproveitamento de rituais cotidianos, religiosos ou civis. O conceito dado a Terapia Social apresenta-se na qualidade de uma “ciência aplicada” com objetivo de fornecer, principalmente ao trabalhador em saúde mental, instrumentos para lidar com o doente mental, sua família em particular e a sociedade, cenário etiológico das doenças e ao mesmo tempo sensível aos distúrbios individuais. Na Terapia Social se cria um ambiente para os participantes perceberem seus bloqueios e atentarem as suas dificuldades pessoais geradoras de sintomas e mantenedoras dos conflitos. Na obra deste autor sobre este tema uma veementemente analogia desta prática com o psicodrama foi realizada, onde o cenário psicodramático esta no contexto real do paciente. Este é estimulado, nas sessões, a uma ação sistemática em seu próprio contexto

Neste texto há uma busca por elucidar os diversos tipos de processos catárticos, dando atenção sobre as alterações anatômicas envolvidas com o sintoma psíquico, sobre a fisiologia das emoções e como são seus processos desencadeantes controlados por quais estruturas endócrinas, anatômicas, herdadas ou adquiridas. Sem querer reduzir, pretensiosamente o estudo dos fenômenos psíquicos a uma “*encefaliatria*” (medicina do cérebro e ciência da natureza), com suas limitações que não podem reconhecer a dimensão da mente, mas sem ficar perdido numa “*noiatria*” (ciência do espírito), totalmente desprovida de uma base orgânico/fisiológica, no órgão central onde pode estar a origem da referida mente, este estudo tenta reconciliar estas duas abrangências do conhecimento. Como profissional atuante em psicoterapia, e privilegiando as informações obtidas no cotidiano da ação profissional será prevaletido o sentido inverso, ou seja, a teorização acerca dos fenômenos do comportamento humano e da psicopatologia observados. Estimulado pelo interesse em criar formas melhores de aprendizado, tanto nos momentos de clínica, nas terapias individuais ou em grupo, como na escola, minha hipótese é sobre a eficácia proporcionada pela emoção quanto a formação de uma memória mais duradoura, ou de um conhecimento mais passível de sua execução.

Estudaremos como a razão humana e o conhecimento pode interferir alterando tendências comportamentais herdadas através das terapias que se baseiam no método catártico e faremos uma analogia com diversos rituais tradicionais que parecem ter o mesmo efeito sobre o ser humano. Pretendo aprofundar o estudo dos nossos impulsos nas representações incrustadas em nossa mente, que parecem nos influenciar sistematicamente e quase sempre sem ligar para as interferências do pensamento lógico.

Ainda é difícil para a sociedade em geral e para profissionais em saúde mental e professores de forma particular valorizar aspectos culturais ou representativos que interferem no aprendizado. As interferências sobre a sociedade atribuídas a cultura podem ter aspectos positivos, como também negativos. Para termos subsídios que possam nos ajudar a entender esse processo, destacaremos os fenômenos catárticos e os relacionaremos a diversidade cultural, destacando também as manifestações emocionais para

conciliarmos o que sabemos sobre a mente humana, cérebro e fenômenos de massa.

O tema central a ser estudado é a Emoção e sua conexão com o aprendizado. Temos como demarcação as áreas da educação, psiquiatria e psicodrama além da psicologia e medicina.

É importante destacar a delimitação deste trabalho para a abrangência na cidade de Florianópolis/Santa Catarina. Apesar de haver sido realizado diversos cursos de formação no segmento da terapia social em diversas localidades do Brasil, este trabalho limita-se a refletir sobre as emoções e a experiência da utilização da pedagogia moreniana no resgate da emoção como facilitadora dos processos de aprendizagem. Os relatos e reflexão aqui propostos estarão refletindo a prática em apenas um dos diversos cursos ministrados e coordenados por este pesquisador.

Como questão norteadora de pesquisa temos a seguinte pergunta: Até que ponto a pedagogia moreniana é facilitadora do resgate da emoção e sua conexão com o processo de aprendizagem? E para esta questão temos como suposição a premissa de que a esta pedagogia, pelo seu aspecto de ação é facilitador deste processo, bem como a idéia de que uma das conexões possíveis é justamente o aspecto do vivencial como instigador e facilitador do resgate da emoção.

2. CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

2.1 - AS EMOÇÕES

Não podemos dissociar a razão da emoção se queremos que nossas ações sejam adequadas. Esse equilíbrio é próprio do homem, mesmo que não seja de sua exclusividade, e parece contribuir para uma melhor comunicação. Ao contrário do que muitas vezes se pensa a razão não tem que se opor a emoção, não têm, ambas, que serem forças contrárias, opostas, mas sim forças a serem consideradas juntas nas decisões humanas. Quando a emoção diz que devo perdoar e a razão clama por punir, não deve haver uma ação que toma uma direção excluindo uma dessas forças. Aspectos racionais podem ter maior influência na hora de uma decisão, mas esta, a decisão, pode estar carregada também de sentimentos pertinentes. São trágicas as decisões que intelectuais não temperadas pela emoção, ou ao contrário, decisões emocionais não atenuadas por aspectos racionais.

Inicialmente há a necessidade de uma compreensão do que é emoção e distinguir de outras e diversas manifestações de nosso organismo. “A emoção é uma reação global do organismo a certas situações internas e externas. É global porque mobiliza o ser inteiro, envolvendo a mente e o corpo. As situações que as desencadeiam podem ser externas como quando uma pessoa é ofendida e se enraivece, ou internas, como quando se lembra de algo que aconteceu há muito tempo e se entristece” (Martins, 2004). Quando se está tratando desse tema há que se considerar que esta teorização versa sobre um fenômeno inerente ao ser humano. Todos possuem a possibilidade de uma experiência pessoal com a emoção, como a alegria, tristeza, compaixão, raiva, medo, desconfiança, vergonha ou pesar. Devemos distinguir emoções, sentimentos, sensações e sintomas. A sociedade tem tendência a ver de diferentes formas essas categorias e muitas vezes classificá-las influenciando quais são as manifestações emocionais aprovadas e as que não são vistas com bons olhos, tendo tendência a serem desestimuladas.

Uma mesma **emoção** recebe denominações diferentes conforme a intensidade. Por exemplo, se a intensidade do medo de um ser humano for aumentando há uma apreensão. Uma evolução neste processo de intensificação, quando a apreensão tomará mais conta do corpo causando uma sensação distinta que chamada de receio. Neste estágio as reações corporais poderão estar evidentes a ponto de não se mais possível disfarçá-las entrando num estado de pavor e, com ainda mais intensidade, este ser humano atinge um estado denominado de terror.

Esta modificação das emoções através da alteração de sua intensidade era analisada por Aristóteles (1985), que defendia a apresentação de espetáculos através de atores para proporcionar melhor impacto com a platéia, do que a apresentação através de narrativas e com isso proporcionar maior possibilidades de identificações. Aristóteles acreditava que, se o público via no personagem e na cena, a possibilidade das situações repetirem nas suas próprias vidas, ou a recordação de terem passado por isto, estariam num processo de identificação que denominou de “*mímesis*”, que por consequência os levaria a “*kátharsis*” despertando assim emoções com possibilidade de tê-las intensificadas. Em sua obra “Arte Poética” Aristóteles defende que através da catarse, a pena (compaixão) e o terror (pavor, medo) seriam purgados, ou seja, exonerados do corpo e da alma. Para isso servia a “Tragédia”, onde se imitava fatos comuns da vida humana para identificação e prazer do público

A emoção se refere a algo dinâmico, passageiro, provavelmente se considerada a origem da palavra: algo com movimentação para fora, para sair, algo a ser manifestado. Quando denominaram esse fenômeno sabiam que era algo que deveria se movimentar para fora (mover a partir de dentro), ou seja, qualquer coisa a ser expresso. A palavra emoção em inglês se escreve “*emotion*” deriva do francês “*émouvoir*”² que por sua vez vem do latim “*emovere*”, onde o “e”, uma variante de “ex”, significa “fora” e “*movere*” significa “movimento”. Segundo Houaiss (2001), o primeiro registro estimado da palavra emoção foi no século XVIII e é descrito como: “1 ato de deslocar, movimentar 2 agitação de sentimentos; abalo afetivo ou moral.

² Etimologicamente “*émotion*”, do francês, vem do ano 1475 como perturbação moral, respectivamente derivado da palavra mais antiga “*émouvoir*”, vinda ainda de outra mais antiga “*motion*”, derivado do latim “*motio*”, que se refere a movimento, perturbação segundo Houaiss.

Turbação, comoção”. No mesmo dicionário em psicologia sobre esta palavra define como “reação orgânica de intensidade e duração variáveis, geralmente acompanhada de alterações respiratórias, circulatórias etc. e de grande excitação mental”.

Até o momento não há uma taxonomia aceita universalmente para classificar as emoções, e nem mesmo, uma teoria clara para explicá-la. Deparamo-nos com muitas contribuições e diversos autores tentando, cada qual, focar aspectos particulares de seu funcionamento e origem. Para José Maria Martins (2004) o estado de ânimo, por exemplo, seria a totalidade de sentimento manifestando-se por muito mais tempo. Martins ainda distingue do **estado de ânimo**, outra manifestação duradoura, a qual ele denomina **disposição emocional**, ou seja, tendência predominante para determinados tipos de experiência emocional. Ainda aproveitando as contribuições de Martins (2004), vamos recorrer a uma diferenciação lingüística que o autor faz entre **emoção** ou **sentimento** e **sensação**. Esta se refere aquilo que as pessoas recebem através dos aparelhos dos sentidos (táctil, visual, olfativo, paladar, auditivo). Com a emoção medo essa pessoa pode ter a sensação de calafrios, por exemplo. O autor continua com outro aspecto a ser considerado, o da **avaliação**. Chama-nos atenção ao popular “sentimento de inferioridade”, dizendo que não se trata de um sentimento, mas sim de uma avaliação. Pois a pessoa compara-se com outra e se julga inferior. Nem a frustração poderia ser considerada um sentimento. Martins explica que se trata apenas das circunstâncias provocadoras, ou seja, “eu não estou me sentindo frustrado”, mas sim “desapontado, triste ou com raiva diante da situação que contrariou minhas expectativas”.

Técnicas psicoterápicas podem estimular pacientes a distinguirem desejos de expectativas. Qual destas categorias, desejo ou expectativas, é passível de responder a uma intervenção do terapeuta? Evidentemente o terapeuta pode interferir, mais facilmente, na **expectativa** do que no **desejo**. Pertencem a categorias diferentes, sendo o desejo mais antigo, enraizado em nossa personalidade e mais difícil de ser alterado. Com as tentativas de uma interferência em ambas racionalmente há maior possibilidade de um resultado sobre a expectativa, que alterada, pode levar o indivíduo a uma prevenção das possíveis conseqüências de uma expectativa improvável de ser alcançada. No

processo psicoterápico não é incomum munir o paciente do pensamento lógico, esclarecendo aspectos de realidade, para adaptação de suas expectativas e conseqüente diminuição de ansiedades e frustrações. Porém, a figura humana não se restringe a lógica ou evidências sendo constantemente influenciada pelas ilusões originadas por herança dos genitores e pelas marcas deixadas pela vida. Neste contexto, um trabalho completo seria contar com os recursos de um processo psicoterápico que possa aprofundar a abordagem, ou seja, recobrar a origem do comportamento do paciente e treiná-lo para novas posturas, das quais algumas possam ser reconhecidas como melhores e mais equilibradas e por fim adotadas, exatamente como faz o psicodrama.

Na nossa sociedade costuma ocorrer uma confusão entre **sintomas** e **emoções**. Por exemplo, a depressão, que tanto pode ser uma emoção comum diante de expectativas frustradas ou um sintoma de um quadro psiquiátrico, ao se tratar de uma tristeza intensa e persistente. Esta falta de distinção entre **sintoma**, que geralmente aponta uma patologia³ e **emoção** que pode simplesmente ser um mecanismo regulador do organismo pode revelar as interferências culturais de uma sociedade exerce sobre seus membros. Os sintomas, que apontam a patologia, recebem comumente o ataque por medicamentos nos consultórios como primeiro e mais comum recurso de intervenção escolhido pelo médico. Não se cogita reconhecer a causa estrutural no paciente a partir dos sintomas e nem suas funções são contempladas. O que se faz comumente é consolar o paciente, reconhecer fatores desencadeadores e por fim a busca do conforto através do recurso químico eliminando estes sintomas. O que este comportamento revela, se ao invés de perseguir a causa através deles, os sintomas, nos preocupamos em eliminá-los. Não temos conhecimento para tal? Seria muito dispendioso este procedimento de busca da causa estrutural? No imediatismo da sociedade atual, nem o profissional e nem a sociedade desejam perder tempo com uma ação que exige mais esforço e tolerância embora com resultados mais vantajosos? Ou então, por fim, somos criados por interesses comerciais, estimulados pela indústria farmacêutica e acreditamos todos que simplesmente interceder rapidamente sobre os sintomas com as medicações já constitui um trabalho médico, além de

³ Embora posteriormente possamos refletir outras funções da manifestação do sintoma.

nos render mais dinheiro? O profissional de saúde mental da atualidade não pode ignorar os aspectos etiológicos da doença mental e a possibilidade que existe de saná-los. Nem podemos correr o risco de compactuar com o desejo de comodidade da sociedade e por conveniência, gerarmos um contingente de psicóticos e depressivos contidos com neurolépticos e antidepressivos, ou talvez, seguindo o modelo atual, um contingente de pacientes modulados com estabilizadores vivendo sem incomodar mais ninguém. O objetivo do profissional de saúde é e será sempre a promoção do equilíbrio e autonomia do paciente e, portanto, sua libertação.

2.1.1 - A CULTURA E AS EMOÇÕES

Ainda apontando contradições em nossa sociedade no que consiste na maneira encarada por profissionais da saúde e educação sobre o comportamento humano, vale ressaltar que não somente na psiquiatria elas estão presentes. A obstetrícia é também uma disciplina plena de contradições. Se nós entendemos a cultura como produto de uma sociedade, esta no sentido contrário acaba constituindo-se em algo com poder de interferir no comportamento de seus membros. O obstetra francês Michel Odent fica intrigado com a interferência, que segundo ele, toda cultura exerce no momento do parto humano. Chega mesmo a sugerir, quando falam de uma campanha de humanização do nascimento, diante do número excessivo de partos cirúrgicos, num “mamiferização” do parto. Para Odent as interferências culturais prejudicam o que seria essencial para o momento do parto que é um estado que privilegie a manifestação fisiológica da mulher no processo do nascimento. A interferência cultural não deixa o instinto agir, porque nosso cérebro interpreta os elementos trazidos pela cultura através do neocórtex, também responsável pelo pensamento cognitivo, ao invés do momento ser comandado pelo sistema límbico mais compatível com as necessidades fisiológicas que o momento requer. Como, no momento do parto a mulher acaba, devido a estas

interferências, não privilegiando a fisiologia necessária para o bom andamento do período expulsivo, o parto se torna doloroso, longo e desestimulado.

E quanto à emoção, ela cumpre uma função no nosso organismo? É notório que a expressão de certas emoções, em algumas sociedades, é vista como algo indesejado. Hoje um hipertímico teria que ter cuidado, pois a manifestação de sua euforia poderia estigmatizá-lo com o diagnóstico de Transtorno Bipolar fase Maníaca. Em algumas sociedades manifestar a emoção é sinônimo de desequilíbrio, falta de educação, perda do controle ou doença. Então, podemos concluir que se for verdade que nossas emoções cumprem uma função estabilizadora no organismo humano, as culturas que mais interferem neste aspecto teriam mais chances de gerar problemas de saúde em seus membros.

Em muitas sociedades, momentos e lugares são designados para as pessoas manifestarem suas emoções. Temos como exemplo o esporte e particularmente o futebol, onde nos estádios as pessoas cantam, se solidarizam, gritam, xingam os adversários e o juiz. Não seriam as festas em geral, um ambiente para expormos a nossa emoção fazendo frente a ação tão repressora da sociedade atual, onde se prevalece uma conduta moldada pela racionalidade?

A tendência comum é fazermos distinções entre emoção e sentimento, dando conotação negativa a primeira e positiva a segunda. A emoção não seria algo confiável, pois dela não se tem o controle. Alguns autores, dentre eles Charles Darwin, numa época remota escreveu “A Expressão da Emoção nos Homens e Nos Animais”. Nesta obra o destacado biólogo suspeita ser a emoção algo útil, como parte de um processo adaptativo. Por outro lado, na nossa era racional, paixão poderia ser um vício, descontrole não superado pela racionalização. O próprio quadro denominado bipolar⁴, onde o portador muitas vezes manifesta seus extremos é rapidamente difundido e aceito no meio médico, como um grave quadro. Embora não sejam questionadas as repercussões negativas, tanto ao indivíduo, como a sociedade, associado a

⁴ Não existe um quadro bipolar devidamente classificado. Aproximadamente quase vinte tipos diferentes desse distúrbio afetivo estão sob a alcunha do espectro bipolar, mas devido à significativa diferença entre eles, no futuro serão classificados de outra forma. Além do estado eufórico que pode caracterizar estes distúrbios afetivos, encontramos comumente a compulsividade e a impulsividade, esta última justificando o descontrole associado à doença.

essa doença, na nossa era predomina diversos tipos de ações psicológicas e químicas que visam o achatamento de emoções, dentre elas as eufóricas ou depressivas.

Para entendermos essa necessidade, ou seja, a da manifestação da emoção é preciso compreender os mecanismos de manifestação do sistema emocional. Desta base poderemos estender nossa reflexão para as relações humanas, ou de forma ampla, para os grandes espaços sociais. A manifestação emocional tem base genética, assim como é influenciada pela cultura. Alterações nas estruturas do próprio cérebro exemplificadas por pessoas acometidas de acidentes com lesão na massa encefálica alteram o comportamento do indivíduo e conseqüentemente sua maneira de se emocionar.

2.1.2 - ASPECTOS PRIMORDIAIS

Portanto devemos distinguir o que chamamos de sensações ou percepções ou reflexos, das emoções. Os primeiros são fragmentários, e estão presentes em diversas espécies de seres vivos, além dos humanos. O segundo, **a emoção, de caráter mais global, já pertence às espécies mais evoluídas dos seres vivos** e aqui estamos nós. A emoção, desde os primeiros momentos da nossa vida, nos integra ao meio e a realidade, nos deixando uma pista de sua função: a de fornecer recursos adaptativos. Vamos distinguir agora um conjunto destas emoções, que podemos considerar básicas, em comparação com outros tipos que se compõe com outras emoções e são consideradas emoções combinadas. Há ainda, as precursoras destes estados que podem ser entendidas, chamadas de proto-emoções (Martins, 2004).

Parece-nos que as emoções básicas têm uma base biológica, não necessariamente são aprendidas, mas devem se propagar por mecanismos genéticos. Se observarmos a humanidade, iremos encontrar manifestações comuns, sem roupagens, sem grandes interferências culturais. Examinem agora a curiosidade que há em nós, desde quando e que há nas pessoas em

qualquer parte do mundo. Qual é a expressão, nas pessoas e nos animais da curiosidade? Se voltarmos um pouco no tempo cronológico de um bebê, deveríamos considerar o que chamamos de proto-emoções. Por um lado positivo o **prazer**, que deve ser alcançado, e por outro, o **desprazer**, que deve ser evitado. No comportamento do bebe, alternando estes aspectos positivo e negativo, nos depararemos com manifestação de deleite e contentamento, ou perturbações, com inquietação. Nestas duas distintas áreas, temos também bases, circuitos distintos no cérebro humano. Avançando mais um pouco, estas duas proto-emoções sustentarão o que mais tarde, no organismo humano, serão desenvolvidas manifestações mais complexas, onde a curiosidade esta incluída.

Durante minha formação em psicodrama em Florianópolis, quando o tema em discussão foi à teoria do “Núcleo do Eu” de Bermudez, autor consagrado dessa disciplina, se pode constatar que a teoria acompanha os últimos achados científicos. Elisabete Martins de Santana Brandão, durante o 17º Congresso Brasileiro de Psicodrama, em novembro de 2010, tentou relacionar os novos achados das neurociências com as às teorias da estruturação básica da personalidade do Núcleo do Eu e Esquema de Papéis de Rojas-Bermúdez. Para isso recorreu a conceitos de Autopoiese defendidos por Maturana e Varela (2002); as investigações das diferentes funções dos hemisférios cerebrais de Gazzaniga (1998) e dos trabalhos de Antonio e Hanna Damásio (1999) onde as emoções foram relacionadas ao conhecimento. Em seu ensaio científico Brandão afirma

“Os estudos da neurobiologia cognitiva comprovam as bases biológicas do entendimento humano, e nos mostram a importância de nos conhecermos, compreendermos a natureza do processo de aprendizagem, que determinam a diversidade das condutas humanas nos mostrando a necessidade dos líderes políticos e sociais conhecerem essas leis, para que se possa fazer algo de concreto para a sobrevivência da humanidade.”

A autora chama Moreno de um visionário, que antecipou com sua obra o que Humberto Maturana veio a denominar mais tarde de *autopoiese*, para explicar a organização própria do ser vivo, um sistema circular e integrativo, onde o ser e o fazer não se separam. Ao se referir a Bermudez, a autora afirma

“O que somos, pensamos e sentimos, decorre de conexões e redes neuronais formadas ao longo de experiências de nossas vidas e comandadas por dispositivos inatos do nosso cérebro. Essas conexões são ativadas e organizadas à maneira de um caleidoscópio de acordo com nossas interações com o ambiente, determinando a formação de imagens mentais (hemisfério direito) gerando idéias, que fazem parte do consciente e inconsciente do indivíduo.”

Exaltando as pesquisas de Damásio, Brandão afirma que suas descobertas neurobiológicas ofereceram uma condição particular para entendermos os efeitos de uma psicoterapia. Ainda conta com admiração de uma teoria do Núcleo do Eu, de Bermudez, criada cerca de cinqüenta anos atrás e hoje, reforçada com estes novos achados.

Sabemos que o lobo frontal de hemisfério esquerdo esta relacionado com o prazer, enquanto que o direito esta relacionado com a inibição e retraimento. Mais adiante iremos aprofundar estes aspectos anatômicos de nosso tema e reconheceremos as alterações no organismo quando ocorre uma lesão em determinada área do cérebro, afetando alguns circuitos. Importante é conhecer essa base, do prazer e desprazer, onde, a partir dela, todos os outros estados mais complexos e globais irão se estabelecer. Será que há distinção na maneira de um bebê sentir e os adultos? E entre o cachorro e o ser humano? Cogitou-se que as expressões infantis, do bebê, por exemplo, seriam meras manifestações de reflexos fisiológicos e isolados. Entenderemos melhor se não considerarmos dessa forma, pois pode observar-se a amplitude e durabilidade destas manifestações, embora rudimentares e limitadas se compararmos as emoções que a mesma criança ira desenvolver mais tarde.

Sei que a base infantil do desejo e aversão evolui para emoções mais sofisticadas no decorrer do tempo. Critérios, condições contextuais e pessoais estabelecem o desejo e a aversão. Quando passo por uma fome ou sede, o desejo é saciá-los. Diante da dor, o desejo é o alívio. Diante da carência sexual, impulsos podem nos direcionar ao site de relacionamento com ofertas reais. Carência afetiva, para alguns, o direcionamento poderia ser buscar o colo da mãe, para outros a busca de uma figura masculina. E assim por diante, “... qualquer incompletude, qualquer falta biológica ou psicossocial, é sentida como um estado desagradável e gera um desejo de eliminá-lo e de criar o agradável”... (Martins, 2004, pg. 33). O desejo, nestes casos, tende a gerar uma

ação em busca de amenizar ou resolver os processos internos do organismo, ou das situações externas provocadoras.

2.1.3 - OS SENTIMENTOS

Acima a emoção foi definida como algo em movimento e nunca estático. Um impulso que se dirige para algum lugar e com um determinado fim. Portanto, a emoção parece cumprir um papel regulador no organismo. E o sentimento, como diferenciá-lo da emoção? **Devemos entender a emoção precedendo o sentimento**, sendo seu alicerce, sua base. Mesmo que o organismo seja um complexo de sistemas integrados, nossa análise separa a emoção na atenção voltada ao externo, de onde é percebido o estímulo, e isto acontece de forma consciente ou inconsciente e a atenção que este organismo dedica ao seu funcionamento interior. Primeiro reagimos à presença da moça bonita andando em nossa direção e em seguida o coração aumento seu número de batimentos, aumentando a pressão arterial e a secreção de suor com alteração de nossa respiração. Cada organismo, conforme sua constituição possui um padrão particular de reagir, mas o objetivo é o mesmo: manter estável seu funcionamento.

Algumas emoções são denominadas **básicas** ou **primárias** porque se referem a mecanismos biológicos inatos. Fazendo uma referência ao trabalho pioneiro sobre a emoção no homem e nos animais de Charles Darwin, muitos outros se somaram para confirmar que a diversidade das sociedades humanas não modifica os padrões deste tipo de emoção. São elas a alegria, a tristeza, o medo, a raiva, a curiosidade, a surpresa, a aversão e a vergonha. Como somos mamíferos, assim como os cachorros do próprio Darwin que foram pesquisados pelo seu dono no jardim de sua casa, é interessante comparar os humanos com esta classe de animais vertebrados para depois optarmos por avaliarmos a emoção na própria diversidade do gênero humano. Darwin, inicialmente, comparava as expressões de seus filhos, ainda bebês, com estes cachorros e acreditava que, algumas expressões humanas são inatas, pois provêm da

própria espécie, porque aparecem em homens e mulheres de diversas culturas. Darwin, naquela época ainda não cibernética, recebia relatos de várias partes do mundo, analisou-os, elaborou sua hipótese e publicou o livro, “**A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais**” em 1872, isto é, após a publicação do famoso “A Origem das Espécies” (publicado em 1859). Quem é que não sabe que os animais sentem ciúmes, medo, alegria. Alguns parecem expressar mais do que outros, comparando cachorros com gatos, mas ambos parecem sentir.

Podemos entender, que embora haja uma polêmica em relação as idéias originais de Darwin, que se for válido o conceito de emoções básicas elas devem ser reações globais, estar ligadas a evolução das espécies e devem ser distinta, uma das outras. Ou seja, todas elas são impulsos, demonstráveis através das expressões, comparadas em diversos povos e sempre uma ação reagindo a um determinado impulso. Parecem ser frutos de nossos instintos e ter um padrão biológico inato na base de sua manifestação. Estas emoções básicas podem ser combinadas e formarem outras. Veja o caso da **culpa** que pode ser uma comunhão de emoções básicas como o medo de ser punido e arrependimento. No decorrer desse trabalho vamos descrever possíveis combinações de emoções, como a coragem, esperança, desespero, dentre outras, colocá-las sob o prisma de teorias evolutivas, atualizarmo-nos sobre os novos conhecimentos obtidos com os recursos dos aparelhos mais modernos, e claro, comparar nossos achados a cultura.

E o **sentimento** seria a base subjetiva da emoção? Ou o sentimento seria uma emoção com menor intensidade e sendo assim, mais passível da interferência de nossa mente? Então, podemos concluir que o sentimento seria uma emoção, com aspectos subjetivos prevalescentes e mais ligado a consciência, a mente e aos padrões de comportamento estabelecidos no decorrer da vida. No dicionário Houaiss (2001), uma das definições de sentimento diz o seguinte:

“disposição emocional complexa da pessoa, predominantemente inata e afetiva, com referência a um dado objeto (outra pessoa, coisa ou idéia abstrata), a qual converte esse objeto naquilo que é para a pessoa; afeto, afeição, amor”...

Se atribuímos ao sentimento um aspecto sobretudo mental e a emoção um aspecto físico e corporal, com padrões reativos herdados, remotamente incrustados na classe dos mamíferos eu pergunto, então, o que é mais passível da interferência da razão, nos homens, a emoção ou o sentimento? Como lidamos com os sentimentos e as emoções, nós profissionais que trabalhamos para reconstituir a saúde mental? Quando não estamos interferindo através da introdução de psicotrópicos, que visam atuar sobre a sintomatologia, estaríamos através de um outro método, aqui chamado psicoterápico, estabilizando manifestações emocionais e sentimentos através da razão e do envolvimento inter-relacional. A própria doença psiquiátrica foi entendida, desde de o primórdio da psicologia, como a “defesa” do organismo para algo que, este suspeita, pode lhe provocar desprazer, dor, perigo. Tanto os sintomas neuróticos, como os psicóticos, denunciadores da doença psiquiátrica são mecanismos para evitar certas emoções. Com isso o leitor pode entender a importância desse tema, tanto para o conhecimento da causa das doenças, como dos recursos necessários para saná-la. Sem esquecer da complexidade desse fenômeno, que reúne os mecanismos fisiológicos do organismo com os psicológicos registrados por nossas mentes, às influências do meio onde vivemos e nossas tradições. E sem ainda perder de vista nosso objetivo final, neste estudo, quando, após examiar a base dos sentimentos e emoções humanas, do indivíduo doente pretendemos analisar formas coletivas envolvendo a emoção e visando cura ou prevenção, como acontece nas psicoterapias de grupo ou rituais.

Portanto, os **sentimentos** podem ser diferenciados das emoções. Seriam uma disposição nossa frente a um objeto ou pessoa, que interfere em nosso comportamento. As **emoções** seriam decorrentes desta disposição e podem ser a expressão da intensidade dos referidos sentimentos. Exemplificando sobre o ato de amar, sabemos que há em seus bastidores uma reação química. Odent (2002), atribui a ocitocina o título de “hormônio do amor”, considerando as recentes pesquisas que analisam a interação entre a mãe e o bebê logo após o parto. Diz o autor que o coquetel de hormônios secretados no período crítico envolvendo o nascimento não desaparecem imediatamente após a expulsão do feto, o que significa, tendo como principal protagonista a ocitocina, o cumprimento de uma função interativa entre os dois,

mãe e bebe, dando sequência aos processos fisiológicos de complementação do parto. Imaginem a cena de uma mãe que toma nos braços o filho que acaba de nascer. Eles se olham como que hipnotizados. Nesse momento há maior liberação de ocitocina, que colabora com a expulsão da placenta. A mamada precoce, irá contribuir também com as reações fisiológicas necessárias para complementar o ato. Todas as sensações vividas pela mãe, naquele momento, se somam a sua disposição em receber o filho que gerou por tantos meses. Se compararmos o que acontece com uma ovelha, ao parir, se optarmos por fazer nela uma anestesia peridural, ou seja, proporcionando ao animal nada sentir durante a expulsão do filho poderemos compreender a relação entre sensações, sentimentos e emoção. A ovelha anestesiada, ao parir, cheira o filhote e o abandona. A mulher, mesmo sendo também da mesma classe dos mamíferos que a ovelha, não abandona o filho pelo fato de estar anestesiada pela peridural. Ela conta com outros componentes que a maném em sua função protetora e afetiva. Conta com a moralidade e senso de responsabilidade, e muitas vezes nas condições do nascimento, com a entrega dos cuidados a parteira e parentes.

Numa tentativa de comprovar cientificamente a função dos sentimentos os fisiologistas a nível molecular registraram que o tal “hormônio do amor”, a ocitocina, interfere no coração. De fato, como foi descrito por Odent (2002), este hormônio está relacionado a liberação de um mensageiro químico, chamado *peptídeo natriurético atrial* que irá atuar em certas células cardíacas provocando neste órgão, reações. Com a descoberta de novos equipamentos, como aparelhos que podem observar o funcionamento dos órgãos, que é o caso, por exemplo, da tomografia com emissão de pósitons (PET), descobrimos áreas no organismo cuja atividade fica mais assentuada. Neste tipo de aparelho marcamos o alimento, como a glicose, e observamos onde ela é mais requerida em determinadas situações comportamentais. Ainda para Odent a natureza das emoções não pode ser estudada apenas num órgão em particular, como é o cérebro. Na nossa cegueira, pelas limitações dos estudos anteriores, por exemplo, víamos o coração apenas como uma bomba de sangue e não sabíamos que ele acumula outras funções como liberar substâncias informativas que irão influenciar o equilíbrio de nosso organismo. Mesmo os intestinos eram considerados apenas como um lugar onde a comida

era digerida e hoje não temos dúvida de que se trata também de uma glândula endócrina complexa.

Não há um limite que separa emoção, patrocinada por reações inatas do nosso corpo, dos sentimentos, onde a moralidade, cultura e o comportamento adquirido exercem suas influências. Aqui podemos introduzir outra questão: até que ponto podemos, através da cultura, interferir nas reações do ser humano frente a determinados atos? Ou seja, a religião ou ideologia pode modificar o comportamento humano, como sabemos, mas diante de situações que geralmente provoca aversões, como a crueldade, por exemplo, quais elementos inatos do homem resistiria a indução da crueldade? Penso que o homem possui mecanismos de preservação inatos, que os leva a manter certos impulsos altruístas, onde nele desperta intenção de proteger outros de sua espécie. O homem, na sua essência, reconhece o que é bom e ruim. Uma ideologia que prega a crueldade se esbarra na resistência proporcionada por estes mecanismos inatos. O homem cruel, seria aquele que adoeceu, quebrando o mecanismo de preservação e mantendo um conflito subjacente.

Se o sentimento pode ser definido como uma experiência subjetiva da emoção, então estaríamos falando do mesmo fenômeno com uma leitura diferente. Mas se atribuímos ao fenômeno do sentir, uma intensidade maior, estaríamos entrando no universo denominado emoção? Sairíamos com a intensidade da esfera subjetiva, para entrarmos numa esfera corporal? Ou a intensificação dos sentimentos nos permitiria também perceber aspectos fisiológicos, que já ocorriam, mas eram inteligíveis? Se for assim estamos diante de palavras sinonimas, sentimentos e emoções. Vamos fazer um ensaio e aprofundarmos, na intensidade, estes fenômenos.

Outra dificuldade que ainda persiste é relacionar sentimentos e pensamentos, considerando que são manifestações distintas. Na prática psicoterápica, em muitas ocasiões, estimulamos pacientes muito apegados ao pensamento a expressarem o que sentem e suas emoções. Este trabalho de estimulação também pode ser feito no sentido contrário, quando o indivíduo tem como dificuldade racionalizar diante dos fatos e conseqüentemente enfrenta um desequilíbrio psicológico. Em ambos os casos o objetivo é proporcionar ao paciente a possibilidade de recorrer a uma maior integridade das funções mentais diante da vida. Esta forma mais integrada de sua avaliação dos fatos e

conseqüentemente de sua comunicação proporcionaria a retomada de sua saúde. Freud, num esforço para encontrar explicações sobre o comportamento humano, através de sua teoria psicanalítica relaciona o pensamento ao sentimento. Na sua fantasiosa idéia que as vezes confunde libido com sentimento e outras, como seu produto, o pensamento é sempre secundário ao sentimento. Ou seja, atribui ao sentimento uma função de carregar o pensamento que levou ao autor Auto de Castro (2006) a não poupar críticas ferrenhas a psicanálise:

“Como podem o sentimento, o desejo ou a vontade criar o pensamento, aparentemente lógico, enquanto ele for as representações complexas e estruturadas do sonho, do mito e das idéias obsessivas, esquizofrênicas e paranóicas (todas, para a noologia, são apóbases intelectivas, quer dizer, prorrogações do pensamento noético)? De que modo o pensamento, como conseqüência, ou efeito, adviria de algo que também não fosse pensamento, como causa?”

Talvez, considerando a formação do mestre criador da teoria psicanalítica, radicado em Viena e iniciando suas atividades com a anatomofisiologia, podemos compreender aspectos naturalista e mecanicista que caracterizam sua concepção da etiologia das doenças. Mesmo após sua passagem pelo Hospital *La Pitié-Salpêtrière*, em Paris onde, com Charcot (1835-1893) pode aprofundar sua concepção sobre histeria, mas sem conhecer claramente suas causas, Freud defendia uma libido (fenômeno, que também de forma criativa, alguns de seus discípulos como Jung e Reich, vão tentar estender a libido além do aparelho psíquico, que já não cabia no sistema nervoso, o primeiro para o universo humano em forma de “energia vital” e o segundo para todo o cosmos, tendo como unidade atômica da libido, o “orgone”) que estava na base de tudo e caminhava pelo corpo e servia o aparelho psíquico. A mesma libido, como energia sexual, perde sua característica primordial e intencional, num processo que ele denominou de sublimação, onde o direcionamento de tal energia seria então a objetos não sexuais, explicando com isso as ações dos santos, filantropos.

2.1.4 - A MENTE COMO EXPLICAÇÃO

Neste tópico tentaremos deixar mais claro o que vem a ser um sentimento e uma emoção. Mesmo que as definições destas duas categorias não foram claramente esclarecidas pelos teóricos que se ocupam desse tema, se atribui ao sentimento um número maior de elementos racionais, em comparação com a emoção. A emoção poderia ocorrer sem nenhuma motivação consciente, desencadeada por elementos ainda não percebidos pelo indivíduo. Este se depara com uma emoção e suas reações físicas e a partir de então pode iniciar a racionalização do fato. Em algumas línguas, conforme e intensidade de uma emoção muda-se sua denominação. Por exemplo, a “emoção” **raiva**, se a enfraquecermos torna-se o “sentimento” de irritabilidade. Mais suave ainda sentiríamos exasperação, ou antes, animosidade. Mas se caminhamos, a partir da raiva, no sentido inverso, a intensidade deste tipo de manifestação poderia ser denominada **ira**. Martins (2004) atribui que se intensificarmos mais ainda a ira, o que teremos seria denominado de fúria, e ficar mais forte pode chegar ao ódio, com muito mais reações físicas previsíveis, não importando a cultura. No Houaiss (2001) a definição de ira é a seguinte:

“intenso sentimento de ódio, de rancor, geralmente dirigido a uma ou mais pessoas em razão de alguma ofensa, insulto etc., ou rancor generalizado em função de alguma situação injuriante; fúria, cólera, indignação”...

Aqui o dicionário atribui à ira a intensificação do ódio, enquanto na descrição apresentada por Martins o ódio seria decorrente da intensificação da ira, mas esta contradição não obstrui a idéia que quero exemplificar de intensidade sobre sentimentos e emoções. No caso específico da raiva, a qualidade desta emoção gera um movimento de oposição e destruição do objeto em questão, motivo desencadeador.

Cientistas que procuraram integrar as bases biológicas da emoção com as cognitivas, como LeDoux (2001) são críticos da visão dicotômica do fenômeno. Este autor discorre em um de seus livros sobre o papel fundamental da amígdala, uma estrutura cerebral que tem papel importante no sistema

neuropsicológico. Ele preconiza chamar a área de estudo com o termo “ciência da mente”, em detrimento de “ciência cognitiva”, sendo o primeiro mais abrangente e, portanto melhor para entender a complexidade das emoções, do que a redução num enfoque a aspectos apenas cognitivos, que não comportaria os aspectos viscerais envolvidos. Na obra, este neurocientista mostra que no decorrer da história os autores têm tendência em separar razão e paixão, pensamento e sentimento, cognição e emoção. Discorre também, após as reflexões sobre inteligência artificial (IA), como a complexidade do cérebro humano não pode ser reproduzida por um robô. Fazendo uma analogia compara que a mente é para o cérebro o mesmo que o programa é para o hardware do computador. De fato os estudos da inteligência artificial (IA) trouxeram um avanço na ciência cognitiva que busca retratar a mente humana com o uso de simulações de computadores, mas acaba deixando de lado a emoção integrada ou não com a consciência. Mas se sabemos que a mente não pode ser concebida sem as emoções a constatação é que estes estudos estão comprometidos.

Outra forma de ampliar a noção da complexidade que envolve a mente humana é distinguirmos as funções (distintas) dos dois hemisférios cerebrais. Uma neurocientista Jill Bolte Taylor conta em sua palestra (Jill Bolte Taylor em <http://www.ted.com>) as sensações que passou a ter quando foi acometida de um acidente vascular cerebral (AVC). Ela foi observando as perdas gradativas de seus movimentos, fala e consciência, todos mais ligados ao lado esquerdo do cérebro, concorrendo com outras sensações que percebeu, naquele período, estarem realçadas. Durante a falência do seu cérebro esquerdo passou a ter uma percepção diferenciada do mundo com sensações de paz, amor e percepção e considerações maiores ao contexto humanitário, funções esta atribuídas ao hemisfério direito do cérebro. A cientista se arrisca em dizer que as sensações que percebeu cuja fonte vem do hemisfério direito, seriam passíveis de promoverem maior entendimento entre os homens, pois tinham características mais altruístas. Sabemos que um lado do cérebro tem maior relação com o pensamento, raciocínio, ou seja, mais ligado ao intelecto. Equivale a compararmos que, enquanto um cérebro determina uma ação o outro tenta explicá-la e achar uma história coerente que possa encaixar com o comportamento. Como sabemos que o comportamento pode não estar

acionado por processos conscientes, qual o papel e o poder da consciência sobre este comportamento? Questão antiga e desafio comum para os profissionais e sociedade, que tentam persuadir para outras posturas seus pacientes ou delinqüentes de comportamentos perniciosos geradores de danos para si ou para a própria sociedade.

Podemos inferir que grande parte da atividade mental ocorre fora do domínio da consciência e quando esta participa, conta com o aprendizado, memorizado dos fatos passados que lhe provoca alguma representatividade. O sentido não parece simples e único, considerando que o inverso também ocorre, ou seja, a consciência ou aprendizado influencia também o comportamento, que neste caso também não deixa de tentar ser modulado pelos processos inconscientes. Na mente humana, e nunca num robô, mesmo que bem desenvolvido, deve haver uma área para processar diversos estímulos, provenientes de diversas origens que, a partir dali, influencia tanto o nosso pensamento como o comportamento. Podemos considerar que o homem, com seu neocortéx mais desenvolvido em comparação com outros mamíferos, tem a maior complexidade de toda sua classe (e até mesmo entre outras classes de seres vivos). Mas como é que o cérebro processa as “informações emocionais”, uma vez que nem tudo no cérebro esta ligado ao corpo (algumas manifestações cerebrais não envolvem manifestações somáticas), mas quase tudo na emoção envolve reações físicas?

Mais adiante iremos aprofundar estes aspectos biológicos, mas vale discorrer sobre um caminho que esta sendo estudado, onde, para uma visão integralista do fenômeno se considera a origem, ou origens do estímulo até chegar ao comportamento. O exemplo do robô preparado para uma ou mais ações ao detectar o inimigo concorre com o organismo humano, que na sua complexidade reage da seguinte forma. Ao detectar o inimigo o organismo libera, por exemplo, adrenalina na supra-renal. Esta influencia os órgãos que reagem com vasoconstricção cutânea, vasodilatação nos músculos, dilatação dos brônquios, diminuição do peristaltismo intestinal, fechamento dos esfíncteres, entre outros fenômenos. Na complexidade do sistema, o processador cerebral pode, considerando aspectos negativos ou positivos dessas reações, ou do fato contextual relacionado a ela, determinar a ação. Seria o conjunto destes fenômenos, todos atuando ao mesmo tempo e a

conotação negativa diante do contexto gerador de perigo que denominaríamos a emoção medo.

Se recorrermos aos conceitos de quociente emocional (QE) e quociente de inteligência (QI) e fizermos balanço do que é mais utilizado quando as pessoas tomam uma decisão veremos que o QE tem um grande peso. São nestes ingredientes de estímulos emocionais somados as características dos clientes que esta a chave do sucesso de vendas de muitas empresas, pois a tomada de decisão não é na maioria das vezes racional.

Mais adiante vamos aprofundar esta noção de um cérebro protagonizado pelas funções do neocórtex e o outro visceral. É a integração de sensações provenientes do meio ambiente com as sensações viscerais intrínseca ao organismo chegando a um processador que desperta o fenômeno que chamamos de emoção.

Já o **amor** fica entre sentimentos de ternura, carinho, afeição e, na intensidade, encantamento, adoração, até chegar à paixão. Já, no caso do amor, gera-se um movimento a favor, protecionista. A **alegria** pode ter na vivacidade uma manifestação inicial, evoluindo para um contentamento chegando por fim a empolgação. Com a intensidade da alegria denominaríamos o deleite, pouco usado, a felicidade até o êxtase. Com esta emoção expandimo-nos e nos excitamos. Um sentimento oposto da alegria, a **tristeza**, nos leva para dentro, ao recolhimento e para o silêncio. Iniciamos a tristeza pelo dissabor, desgosto e chegamos ao lamento. Na intensidade encontramos a amargura, melancolia e finalmente o luto, se associado a alguma perda. Outro exemplo de emoção enumerada na obra de Martins (2004), a **curiosidade**. Começa com o interesse e chega à atração. Na intensidade caminha para a admiração, o espanto e o fascínio. Com esta emoção nos aproximamos do objeto em questão. Outro exemplo, o **medo**, que inicia por uma leve apreensão, depois o receio chegando ao temor. Na intensidade do medo passaríamos ao horror, terror e por fim o pavor. Queremos partir para o mais longe possível, impulsionado por esta emoção. Eu lido com sintomas e sentimentos sistematicamente quando utilizo a técnica de Terapia Social que desenvolvi, ao preparar os pacientes para o tratamento. Faço um inventário inicial da percepção que tem o paciente, desde sensações mais suaves, que chamo de sentimentos, até emoções mais perceptíveis, além dos sintomas que o

impulsionaram a buscar o tratamento. Esta preparação dos pacientes, sensibilizando a perceberem seus sentimentos, emoções e sintomas, e depois direcionar a atenção aos objetivos terapêuticos, desperta o paciente ao entendimento da fisiologia destes processos e para a busca de uma solução na raiz do problema. Quando esta postura é despertada no paciente, ele acaba adquirindo um recurso que pode ajudá-lo a contrapor o imediatismo, comum entre nós, de querer nos livrar dos sintomas, sem nos questionarmos sobre seus significados. Esta técnica psicoterápica ressalta a importância de estar familiarizado com as manifestações não só sintomáticas dos pacientes, mas também suas emoções e sentimentos para desenvolvimento do tratamento. Algumas destas emoções não são básicas, ou primárias, mas são complexas devido a combinações, que será objeto de nossa atenção a seguir.

2.1.5 - EMOÇÕES COMBINADAS

Qualquer emoção pode se juntar com outra e com outra. Conforme essa combinação e a intensidade de cada das emoções formadoras, teremos um determinado tipo de nova emoção. O **ciúme**, por exemplo, acontece quando há interesse, acompanhado do medo de perder o objeto do desejo e raiva dirigido ao comportamento que desperta o risco ou ao ser que pode lhe tirar a atenção do objeto de interesse.

Já na **inveja** os sentimentos que se combinam são outros. A pessoa invejosa sente um desgosto diante da conquista ou posse da outra pessoa. As sensações podem variar no desejo de possuir o mesmo e o desejo de que a outra pessoa perca o que tem. Portanto, neste caso, combinamos desgosto, raiva e interesse. As combinações de sentimentos e emoções, podem causar confusão no nosso entendimento, quando se tenta reconciliar impulsos antagônicos. O comportamento neurótico, muitas vezes, traz estas combinações ou mesmo variações com alternâncias do tipo de sentimento e sua intensidade. Essa inconstância gera na pessoa que sente uma maior tensão e no interlocutor uma confusão, por exemplo, no caso de um interesse

somado ao seu opositor, o medo. Os movimentos de aproximação se alternam com os de afastamento, assim como ocorre na ambivalência de amor, alternando com ódio, sentido muitas vezes em relações íntimas.

Devemos analisar os sentidos que cada tipo de emoção/sentimento pode dar a ação, como, por exemplo, a favor de um objeto ou contra; para fora ou para dentro, de aproximação ou distanciamento. Enquanto que o amor e seus derivados (paixão, afeição, carinho) dão um sentido favorável àquele que sente, a raiva e também seus derivados (ódio, fúria, animosidade) provoca um sentido contrário e destrutivo em relação ao objeto que a desperta. A alegria leva a excitação e para fora, assim como emoções/sentimentos relacionados a ela como o êxtase, felicidade, empolgação e o contentamento. Diferentemente se comporta a tristeza e suas emoções/sentimentos similares (melancolia, amargura, lamento, desgosto) que nos calam e tendem nos levar a retração. O que nos traz para perto é a curiosidade, desde o fascínio em seu foco mais intenso, como a admiração e o interesse manifestações de menor intensidade. Já, como foi dito, o medo, principalmente na sua intensidade (quando sentimos pavor e terror) nos afasta do objeto que representa o perigo. Temor, receio e apreensão são condições mais suaves derivadas desta mesma emoção.

Martins (2004) destaca que emoções podem ser combinadas por famílias cujos membros apresentam características comuns. Na família da **alegria** destaca várias expressões ligadas ao prazer: êxtase, gozo, felicidade, júbilo, contentamento, regozijo, jovialidade, glória, graça, jocosidade, deleite e satisfação. A **surpresa** e o **amor** integram, com suas variações, as expressões ligadas ao prazer. Varia da surpresa o deslumbramento, fascínio e o espanto e do amor a paixão, encantamento, carinho e ternura. O amor romântico pode ser um exemplo de emoção combinada, já que reúne ao mesmo tempo três emoções básicas: a *admiração* e *interesse* pela pessoa amada e a *alegria* que acompanha estes casos (Martins, 2004). Para esta e outras combinações o sistema que processa informações diversas em nosso organismo está nos bastidores do afeto. Este processo explica a diversidade do comportamento humano, ou as variações do mesmo indivíduo, quando neste processamento de informações reúne as vinda do meio, as viscerais e as provenientes da memória ou funções cognitivas. Todas estas manifestações processadas são, portanto, interdependentes. Martins (2004) escolhe o exemplo da **timidez**, que combina

vergonha, o medo do fracasso ou da rejeição, que para tanto, conta com os valores do indivíduo diante de seu desconforto e tristeza causado pelo sentimento de inferioridade, dependentes da avaliação cognitiva que estabeleceu a comparação. Algumas pessoas têm na timidez seu principal traço de comportamento. Alguns chegam a desenvolver uma severa rigidez muscular e manifestação expressiva incontestável de sua dificuldade subjetiva.

A **saudade**, palavra tão presente em muitas poesias e composições musicais alterna tristeza pela perda com o contentamento pela possibilidade de rever o objeto distanciado. Quando, por alguma razão a possibilidade de rever este objeto se torna impossível, o contentamento fica por conta das boas lembranças vividas com o referido objeto. O termo descreve sentimentos de perda, distância e amor e vem do latim *solitatem* (*solidão, falta, privação*), e em sua forma arcaica tem origem em *soedade, soidade e suidade* (sob influência de "saúde" e "saudar"), mas só pode ser encontrado na língua portuguesa e no galego (segundo a Wikipédia). Renato Teixeira canta ao "estrangeiro" se quer saber o que é saudade. Outros escrevem "saudade palavra triste quando se perde um grande amor"; a Paula Fernandes "ainda ontem chorei de saudade. Relendo a carta, sentindo o perfume. Mas que fazer com essa dor que me invade. Mato esse amor ou me mata o ciúme". Mas como Caetano, "chega de saudade. A realidade é que sem ela não há mais paz, não há beleza. É só tristeza e melancolia que não sai de mim, não sai". Se não encontramos tal palavra em outras línguas quer dizer que outros povos não possuem este tipo de sentimento? A discussão sobre termos "intraduzíveis" de um povo para outro é antiga. De fato, a linguagem, reflete os valores e costumes de cada povo e muitos estudiosos como Edward Sapir (1884 - 1939), Benjamin Lee Whorf (1897 -1941) e Eugene A. Nida (1914 – 2011) são referências neste tipo de estudo. Quando vou dizer em inglês que tenho saudades digo "*I miss you*", traduzido mais precisamente, eu sinto sua falta. Quando um argentino diz a uma brasileira "*te extraño mucho*" parece estranho, mas quer dizer que ele sente saudades. Em italiano pode se tentar falar saudades dizendo "*solitudine*" como cantou Renato Russo "*La solitudine fra noi. Questo silenzio dentro me. È l'inquietudine di vivere la vita senza te. Ti prego aspettami perché. Non posso stare senza te. Non è possibile dividere La storia di noi due.*" Os tradutores quem os digam, a palavra saudade é uma das mais difíceis de ser traduzida.

Na obra Tingo – O Irresistível Almanaque das Palavras que a Gente Não Tem (Boinod, 2007) traça uma visão geral e curiosa recorrendo a várias delas. Era como se alguns povos vissem e sentissem coisas diferentemente de outros povos.

2.1.6 - SENSAÇÕES E PATOLOGIAS

Uma matéria reproduzida na Revista Piauí sobre coceira (Edição 42 em Anais da Medicina – que pode ser recuperada no site: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-42/anais-da-medicina/a-coceira>) me despertou para os aspectos centrais, do sistema nervoso, que complementam nossas percepções em geral. A partir de exemplos de graves patologias Atul Gawande, médico americano e escritor do “The New Yorker” e autor do artigo descreve o engano da medicina em intervir em algumas doenças que envolvem dores ou coceiras, apenas sobre os membros e regiões afetadas. Este engano é devido ao fato de não entendermos ainda claramente o funcionamento do cérebro.

Com vários exemplos, o autor do referido artigo segue doentes com sensações de coceira crônica e depois analisa os amputados e seus membros fantasma. Reconhece que nosso cérebro conta com um número pobre de informações perceptivas, tendo que complementá-las sempre com outras informações, como as memórias vindas de outras áreas para reconhecer o fenômeno percebido. Um exemplo é que, se dissecarmos o córtex visual do cérebro, local destinado a reconhecer os estímulos vindos da retina constataremos que somente 20%, ou menos, das fibras que ali chegam é proveniente do olho, ou nervo óptico (retina), sendo que a maioria das fibras provém de áreas onde se instalam nossas células de memórias. No tocante as doenças, cujos sintomas como coceira e dor, em alguns casos, as diversas intervenções com anestésicos, secção dos nervos que conduzem a dor ou toda a sensação do local afetado, se mostravam ineficazes. Por quê? Os médicos não suspeitaram que pudesse ser um “defeito no sensor”.

Nossas sensações na pele, sejam quais forem, têm primordialmente uma função de nos proteger. No caso da coceira a dermatologia denomina “ciclo prurido-coceira”, quando a sensação sobre a região faz com que o portador recorra a ela para se coçar. Os dermatologistas também observam que é comum as pessoas desencadearem este “ciclo prurido-coceira” após uma infecção na pele (micose), contato com substância agressiva ou manifestação alérgica e que mesmo sanado o problema na superfície epidérmica os sintomas ainda podem persistir. Chamam, os dermatologistas, de **neurodermite** a afecção que iniciada assim, com sensações de média intensidade evoluem para outras lesões depois de repetidas vezes coçadas pelo doente, com aumento da intensidade da coceira e modificação do local da lesão. A pessoa acometida recorre automaticamente ao ato, mesmo com a dermatose já curada. Essa mesma disciplina, a dermatologia, constata também que um fator emocional, como o estresse, pode muito bem intensificar a manifestação de uma neurodermite, mesmo que a explicação de seu mecanismo ainda permaneça obscura e o tratamento se concentre em aplicações paliativas sobre o local da lesão.

2.1.7 - A FONTE DAS EMOÇÕES

Dois mamíferos de portes diferentes: um deles o leão e o outro um rato. Mesmo que pertencentes a mesma classe o *Panthera leo* (leão) tem suas glândulas e cérebro preparados de forma diferente do *Apodemus sylvaticus* (rato selvagem) para reagir ao perigo. O primeiro, da ordem dos carnívoros, age com raiva e agressividade despertando medo em todos os outros animais, enquanto que o segundo, da ordem dos roedores, reage de tal forma que seu comportamento resulta em fuga. Com a reação de medo o sangue no corpo do rato dirige-se com mais rapidez a seus músculos facilitando sua fuga. Suspeitamos que o medo, que muitas vezes nos paralisa pode privilegiar a alternativa de nos escondermos, nos tornarmos invisíveis ao predador ou ao perigo que nos ameaça. Suponhamos que fosse ao contrário com o leão e o

rato, onde o último esboçasse com coragem e enfrentasse qualquer tipo de perigo, da mesma forma como age o leão. Se fosse assim, talvez os ratos estivessem em extinção, pois na maior parte das vezes seriam capturados, pois, devido ao seu porte, existem muitos predadores que facilmente eliminariam este animal. Poderíamos dizer então que a emoção tem uma função primordial de nos proteger. Segundo o autor Goleman (1995), da polêmica obra “...”*Todas as emoções são, em essência, impulsos, legados pela evolução, para uma ação imediata, para planejamentos instantâneos que visam a lidar com a vida*”.

Na diversidade das emoções somos avisados do perigo de uma situação, como por exemplo, do alimento que estragado poderia nos causar um mal, ou somos também alertados ao objeto do nosso desejo ou da nossa necessidade. Com a emoção aguçamos a percepção daquilo que nos fascina como objeto de referência de qualidade que resultaria em aprimoramento ou benefícios a nossa espécie. Podemos afirmar que as emoções estão ligadas a uma ação importante, que nos ira afastar ou aproximar do objeto que a despertou, através de reações fisiológicas peculiares. É importante entender sua função no terreno evolutivo da classe dos mamíferos, e particularmente no homem, considerando a estrutura de caráter que diversifica sua manifestação para compreendermos melhor a saúde humana. De outro modo a emoção possui uma função adaptativa, ajudando o organismo a se ajustar as importantes mudanças proporcionadas pela vida. Minha tristeza atrai o consolo, minha simpatia permite a aproximação e o respeito do outro, meu nojo me faz desistir de algo ruim, minha raiva expressa meu descontentamento e alerta o outro para as reparações. Se as emoções têm a função de proteger a nós ou nos faz, por amor, proteger a quem amamos e está presente na classe dos mamíferos acompanhando os diversos estágios de sua evolução porque, os homens, ao serem educados, muitas vezes, inibem sua manifestação?

O componente social da emoção pode ser destacado nos rituais, onde a expressão de um pesar, pela perda de um ente querido, inicia já no funeral um processo de exposição da dor ao grande grupo. Diante dos fatos e facilitado pelo ritual a comunidade, parentes e amigos se manifestam com condolências e ofertas de solidariedade. O grande grupo esta lembrando ao seu membro sofredor de uma experiência, consagrada com o tempo e na memória coletiva

para este tipo de situação previsível em toda sociedade humana, pois em toda ela há perdas que geram necessidade de adaptação. O choro daquele que perdeu um ente querido pode, depois de um período de desespero e confusão, proporcionar uma sensação de alívio e tranquilidade. *“Este é um dos propósitos dessa emoção: ajudar-nos a deixar ir o que já perdemos, o que já acabou e abrir espaço para novo crescimento, novas pessoas, novas coisas.”* (Martins, 2004)

Vamos conceber este fato de outra forma. Suponhamos que a pessoa que acaba de sofrer uma grande perda não tenha, por diversas razões, nenhuma oportunidade de expressar sua dor. Não chorou, não compartilhou, não participou do funeral. Quando analisamos pacientes em psicoterapias nos deparamos com informações que nos fazem concluir que este procedimento, o de não expressar as emoções por parte de nossos pacientes, causam algum tipo de dano nas pessoas. Alimentam ilusões, fantasias, constituindo-se como algo não resolvido permanecendo em algum lugar da mente humana, como se ocupando um espaço, trazendo algum prejuízo. Talvez nós ainda não desenvolvêssemos conhecimento suficiente sobre este assunto com as provocações teóricas que foram trazidas pela psicanálise, que acabam não sendo convincentes, explicando o fenômeno como se houvesse uma força constante, denominada instinto, partindo do organismo e se direcionando a um objeto. Esta força, recalcada, obstruída, voltaria no sentido inverso e resultaria nos sintomas neuróticos. Com a psicanálise Freud criou a possibilidade do sentimento, emoção, ter uma origem inconsciente, não percebida inicialmente pela pessoa e também, a possibilidade da formação em nossa mente, e sem participação de nossa consciência, de uma estrutura patológica que nos afetaria prejudicialmente por toda a nossa vida, se não fosse sanada pelo método psicanalítico de dissolução desses bloqueios. Para este autor o inconsciente abriga elementos instintivos que nunca percorreram a consciência, como também outros, que embora já tenham sido conscientes foram recalcados, censurados, residindo agora no inconsciente. Para mim, o método de interpretação proposto pelo criador da psicanálise é complexo, fantasioso e muitas vezes ineficaz. Porém, foi lendo textos de base psicanalítica, de Freud e de seus seguidores, que ampliei os recursos para a melhor observação do comportamento humano. Por exemplo, os processos traumáticos, parecem

resistir ao tempo, não se estabelecem em ordem cronológica em nossa mente, e quando trazidos para a consciência, carregam ainda junto com a lembrança uma intensa força emocional. Como explicar claramente este fato por diversos parâmetros?

Refletindo uma função para emoção e recorrendo inicialmente a esta disciplina, a psicanálise, que com sua teoria do inconsciente e do poder de sua influência, afirma que nada é por acaso, havendo uma continuidade nos processos mentais como explicar clinicamente algo percebido e manifesto (sentimentos) ser ao mesmo tempo desconhecido por aquele que percebe? Castro (2006), crítico ferrenho de Freud, aponta os diversos erros desta disciplina invalidando-a como ciência. Diz que no futuro ela será lembrada apenas como uma contribuição histórica e que seus equívocos e conceitos contraditórios, consolidarão um século de esforço inútil de Freud e seus seguidores. Este autor entende que a influência acentuada de um fisiologismo em Freud, não consegue ser disfarçada pelo *“psicologismo” da psicanálise, como expressou (Auto de Castro, 2006)*, que por si só não explicam sentimentos como o amor. Critica que, segundo a teoria psicanalítica, a humanidade inteira estaria vivendo na cama pensando em sexo o tempo todo, diferentemente dos animais, que aguardam o cio para expressarem seus interesses sexuais. Critica a não inclusão, sob a visão dos conceitos psicanalíticos, de outros atos instintivos como a fome, sede, defecação, micção, reações do aparelho gastroenterológico e cardiocirculatório e outras manifestações do sistema nervoso autônomo.

O fato de Freud, no decorrer do desenvolvimento da psicanálise, ter alterado o conceito que inicialmente ele deu ao impulso, gerou muita confusão. Não cabe aqui agora um esclarecimento pormenorizado do que houve, mas lembramos que a palavra pulsão ou instinto empregado por Freud, vem do alemão *trieb*. Ele se referia a pulsões sexuais, de autopreservação da vida e posteriormente emprega uma pulsão de morte. A partir de 1920 esses termos, pulsão, libido foram empregados em sentidos diferentes, dependendo do contexto, dando margem a confusão e reações de muitos de seus seguidores⁵.

⁵ A partir de "Além do Princípio do Prazer", de 1920, Freud cria uma nova teoria das pulsões mais abrangente que a primeira. Diferenciou pulsões de vida e pulsões de morte, ambas regendo o funcionamento de toda vida orgânica, e não somente do homem. Reich (1972), que iniciou seu trabalho

Em sua obra, ambos os instintos pressupostos, são contínuos, como canais onde flui uma energia que obedece às suas próprias leis. A fonte poderia ser segundo Freud, diferente. A Libido deveria explicar os fenômenos psicosexuais e poderia ser quantificada, medida. Freud acreditava em sua plasticidade e mobilidade, podendo alterar sua manifestação. A melhor tradução para o português e espanhol de *trieb* é impulso, pois Freud, inúmeras vezes, emprega diferentemente outra palavra alemã que quer dizer instinto. Em “Função do Orgasmo” obra clínica que Wilhelm Reich publicou por volta de 1926 (não confundir com outra obra posterior publicada com o mesmo título, nos EUA) se tentou provar a existência da “libido”. Sabe-se que Freud, que quando recebia uma obra de seus alunos, dava sempre uma atenção imediata, desta vez demorou em comentar o que havia achado de “*Die Funktion des Orgasmus*” que lhe presenteou Reich com a seguinte dedicatória: “A meu mestre Sigmund Freud, com minha profunda estima” (Marchi, 1973). Sabe-se ainda que este episódio culminou com a ruptura da relação entre os dois, provavelmente pelo temperamento de Freud que reagia com bastante ansiedade a todos que contrariassem sua teoria ou pela decepção de Reich pelo desprezo do mestre Freud diante de seu vasto material clínico. Reich (1972) após o anúncio das mudanças imposta por Freud, em sua nova forma de interpretar os impulsos, dá outro rumo a seu trabalho criando uma disciplina chamada Orgonomia, o estudo da energia, em todas as suas formas (libido, radiação, magnetismo). Seu novo trabalho destaca os equívocos do mestre e os caminhos dogmáticos que a psicanálise seguia, contrariando o que presa a ciência e as possibilidades de desenvolver novos conhecimentos.

Wilhelm Reich em sua transição da Psicanálise para sua própria ciência que denominou de Orgonomia consolidou suas idéias particulares a respeito de como deveria ser regido nossas vidas e governado nossa sociedade. Tinha absoluta convicção de que a terapia individual não trazia nada de significativo, além de proporcionar o bem estar de alguns. Proclamava que devíamos ter uma ação mais ampla e sobre o social muito, antes de termos as estatísticas pessimistas da Organização Mundial da Saúde, que mesmo com o avançar da

com a psicanálise, critica seu antigo mestre que substituir o conflito entre o instinto sexual e o medo da punição por outro, o desejo da punição, põe abaixo toda a teoria psicanalítica. Seria elucidativo conhecer as obras de Reich sobre masoquismo, mostrando tratar-se de um impulso destrutivo secundário diferentemente da interpretação tardia que Freud fez de sua própria teoria.

ciência e o progresso da sociedade, a doença mental avançaria de tal forma que em 2025 teríamos de quarta como a segunda causa de incapacitação do indivíduo. Para mudar esse cenário Reich previa que as terapias individuais em nada afetariam o social e que era preciso muito mais para obter esse efeito. No final de sua vida, sem uma proposta mais ampla para trabalhar essa questão, Reich entendeu que a solução era investir nos bebês, na educação das crianças, antes de sua deformação. Criou o “*Infant Trust Fund*” para este fim.

Aristóteles, o filósofo grego, tem algumas máximas e dentre elas duas podem ilustrar os desafios que o homem tem diante de seu meio no que se relaciona a emoção. “As pessoas dividem-se entre aquelas que poupam como se vivessem para sempre e aquelas que gastam como se fossem morrer amanhã.” “Qualquer um pode zangar-se - isso é fácil. Mas zangar-se com a pessoa certa, na medida certa, na hora certa, pelo motivo certo e da maneira certa - não é fácil.” Estamos numa época onde as discussões sobre a nova maneira de encarar os fenômenos emocionais estão no cerne das considerações da psiquiatria. Modificamos e iremos continuar neste sentido, a medida que evoluímos a investigação, os critérios para o diagnóstico de quadros psiquiátricos que tem nos impulsos ou na falta deles uma característica em comum. São os hoje chamados quadros do espectro bipolar, ou impulsivo-compulsivo. Na época de Reich, os critérios para diagnóstico eram limitados e não se respaldavam de forma tão significativa sobre os sintomas. O avanço da psicofarmacologia influencia até hoje um critério sobre sintomas, para a elaboração diagnóstica, do que sobre possíveis aspectos etiológicos das doenças. Hoje, ainda seguindo esta tendência, supomos os bastidores das manifestações emocionais e as consideramos, na sua qualidade e intensidade, para definir as doenças psiquiátricas. No entanto, para Reich, Freud parecia ser adversário das emoções. Aos olhos de Freud o que importava era o intelecto. Reich arriscava: “*Mas o intelecto sem uma base emocional é incapaz de viver e de trabalhar dentro de uma plenitude. Ora, eu sei muito bem porque ele lutava contra a emoção. Porque ele rejeitava as emoções secundárias, as emoções pervertidas. Quanto as emoções normais, naturais, profundas, ninguém conhecia nessa época.*”

Para Freud o intelecto exercia um papel crucial sobre as emoções. Não que fossem nocivas, mas era preciso deixá-las fora do caminho. O que estava

em questão era a necessidade de controlá-las. Freud parecia concordar que o intelecto e a mente tinham que ser senhores das emoções. Porém este pensamento entrou em conflito com o rumo das experiências que fez Reich com a genitalidade, em que as emoções implicadas convivem e inter-relaciona com aspectos intelectuais. Freud rejeitou a existência das chamadas “Ozeanische Gefühle”, traduzido como sentimentos oceânicos de unidade com a natureza, que Reich denominou inspirado pelos versos do poeta Goethe. Com este termo, “sentimentos oceânicos”, Reich se referia as sensações humanas onde parecemos estar em perfeita conexão com a natureza, com uma espécie de energia universal e infinita. Com este termo Reich procurava explicar as sensações das pessoas perante um Deus e a natureza, tentando ainda entender o elemento básico de todas as religiões. Reich, alegando que a “intelectualização” do trabalho de Freud e seu próprio modo escolhido de vida o impediu de compreender fenômenos como este e outras sensações do ser humano. Reich exemplifica estes fenômenos descrevendo as sensações nos quadros psicóticos e mesmo na esquizofrenia, que a psicanálise tinha dificuldade e entender e lidar.

2.1.8 - A FUNÇÃO DE CADA EMOÇÃO BÁSICA

A **tristeza**: No mundo de hoje, mesmo a tristeza parece não ter mais um espaço privilegiado. Descobriram a fórmula dos antidepressivos e despejaram nas caixas d'água de todas as cidades para servirem as suas populações. Como é difícil suportar a tristeza, a nossa e a dos outros, parece mais fácil suportar um comportamento robotizado da humanidade. E como conceber que neste mesmo mundo intolerante a esta emoção temos a depressão ocupando a segunda causa incapacitante do homem? Em suma, a tristeza é um alarme que nos faz refletir, interiorizar a partir da situação que nos levou a este estado. Nos outros a tristeza manifesta de um indivíduo provoca, muitas vezes, a intenção de consolar. A tristeza de um pode também provocar o mesmo estado no outro,

que, por dificuldades desta provocação, pode levá-lo ao afastamento ao invés da aproximação e consolo.

A **raiva**: parece um sentimento em ebulição. Mais desprivilegiada do que a tristeza, levou a bioenergética, prática psicoterápica defendida por Alexandre Lowen, discípulo de Reich, recorrer a um exercício onde o paciente reconcilia respiração e o socar uma almofada. Talvez esse desprivilegio não seja universal, pois um índio xavante, no centro oeste brasileiro, vendo a manifestação forte de raiva de seu bebê, com fome, reivindicando os seios da mãe, fica contente antecipando que seu filho no futuro estará preparado para se defender. Muitas vezes é com raiva que nos defendemos de uma ameaça, assim como parece se defender alguns animais. A raiva é uma emoção que pode se intensificar e tornar-se destrutiva

Nosso corpo com raiva tem serrado o punho, tensionado o maxilar e os ombros parecem elevar e também se contrair. A raiva nos prepara para o combate, podendo ser tanto destrutiva como útil. Se a raiva natural tem uma função defensiva, veja a mãe defendendo o espaço onde esta sua prole, ela alterada pode constituir na pessoa, ou em grupos, como um impulso de destruição. Constatamos momentos de violência em várias partes do mundo, que preocupam cientistas sociais e governos. Guerras, conflitos de menores proporções, brigas domésticas, embates no trânsito. Alguns quadros do espectro bipolar se caracterizam, além da oscilação de humor, dos acessos de raiva, descontrole que podem levar a sérias conseqüências, às vezes, irremediáveis. Da mesma forma, como afirmamos que o recalque da tristeza pode proporcionar maior probabilidade de depressão, poderemos afirmar que o recalque da raiva levaria o indivíduo à violência? Esse estado é próprio unicamente da espécie humana, o que nos faz pensar nos mecanismos humanos de inibição de suas emoções através da repressão. Faz-nos ainda pensar, como elemento desencadeador da violência, no entendimento que temos de situações de opressão e injustiça. Os judeus, durante a opressão imposta pela Segunda Guerra, reagiram inertes em muitos momentos, dentre eles durante a sangrenta ocupação de Varsóvia. Não que não sentissem raiva diante das ameaças e mal tratos, mas foram tomados pelo medo diante de tanta violência.

O **medo**: diferente da raiva e do pesar, esta emoção está mais voltada ao futuro. É nossa reação diante daquilo que pode nos causar um dano. É graças ao medo que as crianças se protegem de situações que ainda não sabem lidar. A fonte do medo não depende apenas do real, devendo também, nossa imaginação nos gerar este sentimento. Uma gama de situações pode também nos gerar medo, como o escuro, o desconhecido, a possibilidade de não atendermos a expectativa do outro e das nossas próprias expectativas.

O medo, protetor algumas vezes, pode diante da intensidade do objeto que o gerou, nos paralisar e, portanto, nos prejudicar. Evolutivamente talvez seja uma reação com uma lógica, se observarmos que alguns animais, como o gambá, que cai paralisado fingindo-se de morto ou a avestruz, que enfiando a cabeça na areia interrompe sua corrida eliminando a cena de perigo. As reações de nosso organismo neste estado são de alerta, com aumento dos batimentos cardíacos e tensão nos músculos nos preparando para a fuga.

A **alegria**: é uma emoção expansiva, aparentemente, enquanto a tristeza contrai e retrai num movimento centrífugo, o organismo em alegria se manifesta no sentido inverso. A alegria é contagiante, nos ínsita a querer compartilhar com as pessoas a nossa volta, entes queridos. No Brasil, país do futebol, a alegria após a vitória do nosso time nos leva as ruas para comemorar com buzinas e gritos de vitória.

No estado de alegria (Tom cantou que a “tristeza não tem fim. Felicidade sim”) estamos contentes, confiantes, radiantes de prazer, motivados e otimistas. O riso acompanha a alegria, a felicidade e na intensidade recorremos à gargalhada, excitação básica que altera conforme a personalidade e a cultura. Este estado parece aumentar nossa energia vital. De todas as emoções esta é uma das mais agradáveis de sentir. Alegria pode se constituir num fim de todas as nossas ações. Temos, todos, intimamente o desejo de sermos felizes, sentir alegria. Apenas uma situação psicopatológica nos tiraria deste objetivo.

O **afeto**: é uma emoção presente quando amamos. Esse amor pode ter diversos direcionamentos, como aos nossos pais, ou parentes, a nossos filhos e irmãos ou ao nosso objeto de interesse romântico/sexual. Assim como a alegria está relacionado ao prazer e a expansão, mas na iminência de frustração por perda e não correspondência das expectativas, o objeto de nosso afeto pode resultar no objeto de nosso ódio. Das pessoas com quem

temos afeto tendemos a nos aproximar, ou a fixar nelas nosso pensamento e expectativa.

O estado de carência pode nos levar a buscar o objeto afetivo e constituir com ele uma compensação. Se tivermos dificuldades estruturais em nossa personalidade, ou um quadro psicopatológico a busca compensatória pode resultar numa obsessão pelo objeto amado. Neste caso podemos refletir que a carência e a necessidade compensatória podem estar revelando um vazio, diferentemente de um afeto que pode significar um produto, o amor, em busca de seu objeto. Neste último caso não ficamos obcecados, apenas lamentamos se não somos correspondidos. O afeto é solidário, malicioso, vidrado, saudoso, esperançoso, curioso, e quando intenso, apaixonado.

Se conhecendo e cogitando que as emoções têm uma função, como afirma Martins (2004), “... *não existem emoções inúteis ou negativas em si...*” Todas cumprem uma função, a princípio estabilizadora, protetora e adaptativa. Quando ocorre diferentemente deste aspecto positivo é porque estamos diante de algumas interferências ou algum transtorno. Vamos examinar agora emoções básicas e combinadas e o contexto onde elas acontecem.

TABELA 1	Fora	Den tro	Favo rável	Desfavo rável	Apro xima	Afas ta
Amor			X		X	
Paixão			X		X	
Afeição			X		X	
Carinho			X		X	
Raiva				X		X
Ódio				X		X
Fúria				X		X
Animosidade				X		X
Alegria	X					
Êxtase	X					
Felicidade	X					
Empolgação	X					
Contentamento	X					
Tristeza		X				
Melancolia		X				
Amargura		X				
Lamento		X				
Desgosto		X				
Curiosidade					X	
Fascínio					X	
Admiração					X	
Medo						X
Temor						X
Receio						X
Apreensão						X

Quadro 1, referente as emoções básicas.

2.1.9 - A EVOLUÇÃO DAS EMOÇÕES

Pelos estudos da paleontologia os indícios das descobertas de hominídeos na África, sugerem que foi a partir daquele continente que o homem se espalhou pela face da terra. Podemos atribuir que a origem única, ou pelos contatos eventuais entre esses grupos humanos no decorrer da história seria responsável pela universalidade de alguns costumes, como também a universalidade da emoção humana. De fato encontramos em todas as sociedades emoções consideradas básicas, como a raiva, alegria, tristeza e medo, entre ainda outras.

Ao mesmo tempo em que as emoções cumprem uma função em nosso organismo, a sua não manifestação pode levar ao aparecimento de alguns sintomas, mostrando com isso, talvez, as consequências da interrupção do sentido de seus estímulos (a energia que alimenta as emoções). A raiva que guardamos para nós mesmos pode se transformar em ressentimento; a tristeza que nunca expomos ou a culpa que sentimos por algo também não elaborado ou compartilhado pode virar um estado depressivo e evoluir para sintomas depressivos de maior duração, como uma grande prostração. A ansiedade que sentimos, muitas delas, pode ter sua origem num medo não compartilhado e também não elaborado.

É notório que na evolução das espécies, modificam-se também as emoções, tanto nos homens como nos animais. A natureza, através das emoções, tenta encontrar uma resposta fisiológica ideal para enfrentar situações consideradas cruciais, ou pelo menos importantes pelo organismo. Darwin (1965), o descobridor da seleção natural, deu-nos uma base para arriscarmos em dizer que o comportamento é o resultado de pressões sofridas no decorrer do tempo afetando, com isso, seu mecanismo de preservação da espécie. Mesmo que com o tempo, dentro do princípio de seleção natural haja esse aprimoramento do comportamento de todos os animais, a psicologia observa no homem situações que não parecem ser adaptativas, mas perniciosas. Num espaço menor de tempo da existência humana (por situações traumáticas ou por herança de traumas de antecedentes) algumas alterações do comportamento não necessariamente parecem resultados de

aprimoramento, mas reações exageradas, incongruentes trazendo prejuízos ao ser humano. Estou falando de reações ou sintomas psicopatológicos que, ao invés de promover adaptação, ou dar indícios de que são reações com esse objetivo, mostram atrapalhar o processo adaptativo⁶.

Seguindo as concepções de Darwin, sua teoria, era que tanto as alterações estruturais que sofriam o organismo, como seu comportamento, poderiam ambas revelar tentativas conservativas transmitidas por memórias genéticas (transmissão hereditária). Este padrão adaptativo de nossas espécies, e de forma, eu creio, mais complexa no ser humano, é o mecanismo desenvolvido a partir de vivências ameaçadoras (ou quem sabe também gratificantes), que podem ou não se perpetuarem. Imaginem o número de vezes que situações da ameaça ou gratificação ocorreram em nossa vida, ou no decorrer do tempo, na vida de todas as espécies. A concepção darwiniana seria da assimilação destes momentos importantes pelo organismo e a perpetuação deste comportamento para o restante da espécie ocorreria após o passar dos anos e com ele os inúmeros testes com diversos organismos daquela espécie. Vejam que a manifestação do organismo tem no ambiente seu desencadeamento e não a geração em si do comportamento ou a criação, a partir do ambiente, de uma nova estrutura orgânica (reativa). O ambiente em si direciona ou qualifica, através das oportunidades que proporciona a cada organismo, as manifestações das emoções. Por exemplo, passíveis de sentirmos medo, tristeza, afeto, aprendemos em quais situações, ou diante de quem, se pode manifestar.

Em sua obra Darwin (1965) cita o trabalho de Charles Bell (Anatomia e Filosofia da Expressão) e diz que tentou complementá-lo. Na falta de explicações de seu precedente, Darwin tentou explicar por que diferentes músculos são acionados em diferentes situações emocionais, como por exemplo, o fato dos cantos da boca ser rebaixados e as sobrancelhas se movimentarem quando sentimos tristeza. Darwin, que havia estudado muitas

⁶ Não se pode confundir aqui, tais manifestações negativas ou perniciosas, com sentimentos ditos negativos, dentre eles, tristeza, medo, raiva, considerados naturais a todos os animais e portadores de função adaptativa, mas incorretamente recebendo essa atribuição: “sintomas negativos”.

obras publicadas na época sobre expressões⁷ exalta hipóteses sobre o fato das expressões estarem também relacionadas ao imaginário. Ou ainda, Darwin escreve sobre princípios que relacionavam o prazer ao aumento e a dor a diminuição de algum tipo de função vital. Obedecendo a sua teoria revolucionária da evolução das espécies, criticava que se *“considerarmos o homem e todos os outros animais como criações independentes, não avançaremos em nosso desejo natural de investigar até onde for possível as causas da Expressão.”* (Darwin, 1965). Como se sabe, Darwin além de contar com o estudo de diversas obras disponíveis e contar com a colaboração de outros pesquisadores, ele próprio, recorreu a observar seus animais e crianças. Encontrava nestas últimas expressões mais puras para serem estudadas, do que o homem adulto. Ocorreu-lhe também estudar os pacientes psiquiátricos que tinham, devida a doença, potencializada suas manifestações emocionais. Recorreu ainda a estudos transculturais para consolidar a universalização de suas observações atribuindo um sentido mais radical, ou seja, inatas e instintivas as emoções que não se modificavam mesmo em sociedade que não tinham nenhum contato uma com as outras.

Para auxiliar seus colaboradores elaborou uma série de perguntas, criando assim um método que não deveria contar com a lembrança destes observadores, mas sim, da observação direta das amostras⁸.

1. Exprime-se a **surpresa** pelo arregalar dos olhos e da boca e pela elevação das sobrancelhas?
2. A **vergonha** produz enrubescimento, quando a cor da pele permite percebê-lo? Se sim, até onde este desce pelo corpo?
3. Quando um homem está **indignado** ou **desafiador**, ele franze o cenho, mantém a cabeça e o corpo erguidos, apruma os ombros e cerra os punhos?

⁷ Leu “A Fisiologia ou Mecanismo do Enrubescimento” de Burgess; “Mecanismo da Fisionomia Humana de Duchenne; “Sobre a Fisionomia e os Movimentos de Expressão” e “Sistema Científico da Mímica e da Fisiognomia” de Pierre Gratiolet; “Princípios de Psicologia” de Herbert Spencer.

⁸ Esse questionário, que segue abaixo, foi aplicado entre os seguintes povos (nas seguintes quantidades) entre os aborígenes da Austrália (13); Maoris da Nova Zelândia (1); Daiaques de Bornéu (1); Malaios em Malaca (1); China (1); Índia (Bombaim, Calcutá) e Ceilão (3); Cafres, Fingos, Abissínios e nativos do Nilo na África do Norte (4); Feguinos (Terra do Fogo) na América do Sul (1); Atnah, Espiox (rio Nasse no Noroeste), Tetons, Grossventers, Mandans, Assinaboines (Oeste) da América do Norte (6). (informações retiradas no Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Antropologia_das_emo%C3%A7%C3%B5es)

4. Quando se **concentra** ou tenta **resolver algum problema**, ele franze o cenho ou enruga a pele debaixo das pálpebras inferiores?
5. Quando **abatido**, desce os cantos da boca e eleva a extremidade interna das sobrancelhas pela ação desse músculo que os franceses apelidaram de “músculo do sofrimento”? Nesse estado as sobrancelhas fazem-se levemente oblíquas, com um pequeno inchaço em sua extremidade medial; e o meio da testa fica enrugado, não em toda sua extensão, como quando se elevam as sobrancelhas exprimindo surpresa?
6. Quando **satisfeito**, brilham seus olhos, enruga-se a pela em volta destes e retraem-se os cantos da boca?
7. Quando um homem olha para outro com **desprezo** ou **ironia**, ergue-se o canto do lábio superior por sobre o canino do lado pelo qual ele o está encarando?
8. Pode uma expressão de **obstinação** e **tenacidade** ser reconhecida principalmente pela boca firmemente fechada, pelo cenho baixo e pelas sobrancelhas levemente franzidas?
9. O **desdém** é exprimido por uma leve protrusão dos lábios e discreta expiração com o nariz empinado?
10. Manifesta-se o **nojo** virando o lábio inferior para baixo e elevando-se o lábio superior com uma súbita expiração, como um vomitar incipiente ou cuspir?
11. O **medo** extremo é expresso aproximadamente da mesma maneira que fazem os europeus?
12. O **riso** pode chegar ao extremo de fazer com que lacrimejem os olhos?
13. Quando um homem quer demonstrar que não pode impedir algo ou que ele mesmo não consegue fazer alguma coisa ele, encolhe os ombros, vira para dentro os cotovelos e estende as mãos para fora com as palmas abertas; e as sobrancelhas são erguidas?
14. As crianças quando **emburradas**, fazem bico ou contraem fortemente os lábios?
15. Expressões de **culpa**, **malícia** ou **ciúme** podem ser reconhecidas, ainda que não se consiga defini-las?
16. Balança-se a cabeça verticalmente na afirmação e horizontalmente na negação?

A lista de Darwin, orientando seus colaboradores, é, sobretudo fruto da vocação que possuía de um bom observador. No seu próprio ambiente doméstico esse cientista observava o choro de seus filhos, quando pequenos, seus animais domésticos e os descrevia minuciosamente, tornando sua obra “A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais” uma complementação de seu trabalho maior, o clássico “A Origem das Espécies”.

2.1.10 - CONCLUSÕES DARWINIANAS

A partir das diversas observações de seus colaboradores Darwin concluiu que “o mesmo estado de espírito exprime-se ao redor do mundo com impressionante uniformidade; e este fato é ele mesmo interessante como evidência da grande similaridade da estrutura corporal e da conformação mental de todas as raças humanas” (Darwin, 1965). Esse pesquisador observa que os mesmos princípios gerais aplicados ao homem poderiam também ser experimentados nos animais inferiores. Ele acreditava na graduada aquisição de movimentos expressivos das emoções, mas a dificuldade estava em identificar seu começo.

Charles Darwin elaborou então os princípios gerais da expressão, onde, por exemplo, no primeiro: “O princípio dos hábitos associados úteis” concluía que direta ou indiretamente as ações tinham objetivo de aliviar ou intensificar sensações e que após um período de condicionamento bastava certo “estado de espírito” para resultar em movimentos, neste caso parecendo sem propósito. Ou seja, os movimentos que outrora ajudou a satisfazer ou aliviar sensações, devido a freqüência com que ocorreu, podem se manifestar desencadeados por um mínimo de sensações e parecem movimentos incongruentes com seu contexto desencadeador.

Evoluiu sua construção de princípios atribuindo a antítese, induzido por estado de espírito oposto, mas não explica sua utilidade. Essa disposição teria o poder de alterar inversamente nossos movimentos em relação ao estímulo e também independente de sua utilidade.

Elabora ainda Darwin outro princípio, sobre outros movimentos, totalmente independente da vontade, prevalecendo unicamente pelo hábito.

Exemplifica com os movimentos frenéticos de um homem enfurecido, que estes fariam alusão ao ato de lutar, proporcionados reativamente pelo fluxo sanguíneo direcionado aos membros por efeito do hábito. O hábito é uma manifestação que não necessita da interferência da consciência e foi avaliado por Darwin em diversos animais, que tinham comportamentos conduzidos por fatores inatos, alguns deles necessitando de sua ativação nos primeiros momentos após o nascimento. Com seu trabalho Darwin quis mostrar que certos movimentos, mesmo que remotamente representavam tentativas do organismo de proteção ou adaptação, podem ser executados por força do hábito em situações que nos parecem inúteis.

Já reconhecia esse autor que a atitude de reprimir repetidamente um determinado hábito, pode modificá-lo: "... o esforço repetido para conter o choro, em alguns estados de espírito, contribui muito para inibir o hábito"... "Portanto, quando o amadurecimento do indivíduo ou da cultura de uma raça restringe o hábito de chorar ou berrar, e conseqüentemente não há mais dilatação dos vasos sanguíneos do olho, ainda assim pode ocorrer secreção de lágrimas" (Darwin, 1965). Nesta análise de como surgiu o choro entre os animais a retrospectiva do gritar do bebe, ao sentir fome e para chamar a atenção de seu genitor alimentador, aumenta a pressão dos vasos sanguíneos em volta dos olhos e é seguido pelo reflexo do fechar dos olhos para conter a referida pressão (tentativa de se proteger), que por conseqüência afetam a ação reflexa das glândulas lacrimais. E o fato corriqueiro das lágrimas acompanhando as gargalhadas, não poderia ser explicado pelas mesmas razões fisiológicas apontados por Darwin, uma vez que ele próprio observou que a ocorrência do lacrimejar nas gargalhadas é independente das culturas.

Trabalhos posteriores a Darwin, como o de Paul Ekman, citado por Martins (2004) confirmam com populações de diversas culturas (Estônia, Turquia, Japão, Grécia, Sumatra, Itália, Estados Unidos...) o reconhecimento de diversas emoções básicas ou primárias. Podemos deduzir por coerência que se os problemas são existenciais é fácil prever sua universalidade; e se as soluções, são humanas, seriam pertencentes a cada grupo étnico com grande probabilidade de serem diversas umas das outras.

2.1.11 - ELEMENTOS DESENCADEADORES

As emoções podem ser desencadeadas por estímulos conforme características individuais, por exemplo, a sensibilidade de cada indivíduo de acordo com suas heranças genéticas de características fisiológicas, experiência de vida e eventos traumáticos. Porém as populações possuem disponibilidade para manifestarem certas emoções relacionadas a cultura. Podemos recorrer a cena de um grego num bar, após uma decepção amorosa, onde ele bebe sua dose de Uzo, chora e joga com raiva seu copo ao chão para quebrá-lo. Ou de um japonês num velório em sua colônia, brindando com alegria durante o funeral de um ente querido. Franz Boas, um eminente antropólogo, escreveu no prefácio da obra de Ruth Benedict publicada em 1934, *Padrões de Cultura* “... nem todas as culturas são definidas por um caráter dominante, mas parece provável que quanto mais íntimo é o nosso conhecimento dos impulsos culturais que determinam o comportamento do indivíduo, tanto mais reconhecemos que nelas dominam certos refreamentos de emoção, certos ideais de conduta, que explicam atitudes que a nós se nos apresentam como anormais quando vistas do ponto de vista da nossa civilização....”

Considera-se, mesmo na diversidade das manifestações emocionais, que cada emoção está mais relacionada a uma função, pois as manifestações fisiológicas sugerem isto. A raiva, reação comum diante de frustrações ou ofensas leva-nos a um estado fortalecendo o organismo para um combate. O medo provoca reações que nos leva a nos protegermos do perigo iminente. Mesmo um bebê parece ter inatas reações de medo diante de algo desconhecido, da mesma forma diante daquilo que foi aprendido, capaz de lhe provocar dor.

A culpa é outra emoção que serve de exemplo na diversidade cultural. Em toda sociedade corremos o risco de fazermos algo errado, mas a intensidade do sentimento de culpa varia conforme a pessoa e conforme a civilização que ela vive. Na sociedade, influenciada pelo mito cristão, a culpa tem intensidade e importância social diferente de outra que não foi influenciada

por este mito, como retratou Pewzner (1999) que ousa afirmar “... *Y uno se da cuenta de que muchas reacciones emocionales están determinadas por la cultura y no por la biología...*” A conduta expiatória que fez o homem participar do sacrifício de Jesus Cristo na cruz, jamais poderá ser reparado pelas gerações sucessoras e numa missa católica iremos repetir, no Confesso-me: “...*porque pequei muitas vezes, por pensamentos, palavras e obras, (bate-se por três vezes no peito) por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa...*” De fato, se compararmos a sociedade brasileira, fortemente influenciada pelo cristianismo, com os índios de diversas etnias, veríamos que sentem a culpa de forma diferente. Missionários no afã de traduzirem a Bíblia para as línguas indígenas no Brasil se defrontam com alguns problemas quando os conceitos, considerados centrais da teologia cristã, como o pecado, não tinham vocábulos equivalentes nas línguas indígenas. Sabemos que cada língua reflete a experiência fundamental da identidade de um povo e do contexto de sua vida. Entre os guaranis o conceito de pecador se refere mais a coletividade e seria praticamente impossível encontrarmos um índio deprimido exprimindo uma intensa culpa individual, como habitualmente encontramos entre os deprimidos na sociedade ocidentalizada. Se o sentimento de culpa tem a função de regular o comportamento humano para não repetir o erro, numa grande intensidade este sentimento perde seu valor reparador e apenas contribui com desgaste do indivíduo.

De modo geral nossas emoções básicas são desencadeadas por: Surpresa, se algo inesperado acontece; Vergonha, se não correspondermos as nossas expectativas ou se expomos algo secreto de nossa intimidade; Raiva desencadeada por uma ofensa ou grande frustração; Pena, diante do sofrimento do outro; Culpa por transgressões sociais ou pelos danos que causamos aos outros; Desejo, diante de algo atraente; Amor, despertado por um ser que nos afeiçoa; Tristeza quando algo nos falta; Medo quando alguma coisa representa uma ameaça a nós ou a aquilo que prezamos e a finalmente a Alegria, quando somos gratificados.

2.1. 12 - A RAZÃO DA EMOÇÃO

Em outubro de 2011 morreu o filósofo e psicólogo americano James Hillman, conhecido pela sua dedicação a psicologia analítica. Hillman estudou os arquétipos, fantasias e mitos que são configurados e configuram a nossa vida social e psicológica. Ele também apontou a contradição entre a razão e a emoção, quando nossa tendência em colocar em oposição uma a outra pode produzir efeitos trágicos. Sua frase "...na violência da emoção não atenuada pela razão e na esterilidade do intelecto não temperado pela emoção..." traduz essa dicotomia e como, tanto o homem, suas instituições têm necessidade de um órgão com papel modulador para enfrentar esse mal em nossa civilização.

Ao tentarmos educar nossos filhos e alunos acabamos por interferir na espontaneidade de suas expressões e seus atos. Muitas vezes esta interferência perniciosa é decorrente das nossas próprias limitações e intolerâncias diante das manifestações livres das crianças, considerando as deformações que nos impõe a civilização. As crianças precisam ser educadas para viver numa sociedade, porém a forma com que isso é ocorre pode ter resultados diferentes em cada uma delas. Veja conceito de auto-regulação promovido por Wilhelm Reich, que atribui esse termo a capacidade biológica e natural que revela nosso potencial para o desenvolvimento e autonomia. Freud, Lane e Reich despertaram o interesse de Alexander Neill (1980), cuja liberdade deveria constituir a base do aprendizado e que as crianças nunca deveriam ser forçadas a aprender. Na Inglaterra fundou a revolucionária escola de Summerhill, onde a freqüência era voluntária e era a criança que decidia se freqüentava as aulas. Este modo de trabalho serviu para comprovar a lei de funcionamento do organismo humano, na sua natural capacidade de compreender a idéia de organização social onde elementos biológicos do ser humano se integram com os sociais. Neill escreveu muitos livros e foi bastante influente. Alguns de seus trabalhos mostravam a cura de crianças hostis que se curaram ao serem transferidas para Summerhill, sendo educadas dentro daquela proposta de liberdade. Outro exemplo: uma criança com baixo rendimento escolar e grande motivação para o esporte que deixa por seis

meses a sala de aula e ao se arrepender, retorna recuperando as matérias em menor tempo que os demais. Os temas comuns das escolas inglesas estavam presentes na escola de Neill, mas não eram enfatizados. Ele enfatizava disciplinas como artes em geral, dança, teatro, por achar que elas promoviam a criatividade de cada um, imaginação e bem-estar emocional. Nessa escola o controle social se dava no relacionamento espontâneo entre os internos e quando necessário pelo voto democrático da maioria para questões mais amplas. Sobre o comportamento anti-social havia punições como multas, impedimento para o cinema, dentre outras, levando a uma avaliação positiva de seus resultados sobre os infratores.

Neill confessou em sua biografia ter recebido a influência de Reich na auto-regulação proporcionado pela liberdade sexual; de Freud em relação as conseqüências do recalque sobre os impulsos e a culpa e de Homer Lane, em relação ao “autogoverno” e sua idéia de estimular em vez de punir a criança por comportamento anti-social. Para este último enquanto o estímulo ao amor promovia satisfação e desenvolvimento, o ódio era pernicioso e a satisfação da vingança era limitada.

Reagimos incomodados diante do choro expressando dor, frustração, ou da raiva, dos gritos, revolta das pessoas. Quando estamos diante de crianças com estas manifestações temos tendência a inibi-las, com repreensões, o que é diferente do consolo ou contensão com carinho e respeito. As frases “engole esse choro”, “não há motivo para chorar”, “não adianta ficar com raiva”, “o que vão pensar de você o vendo assim” podem ser inibitória das emoções. Pode tirar do indivíduo sua forma mais autêntica de se expressar. A emoção tem uma razão de acontecer e o desafio é como privilegiá-la num processo de socialização.

2.1.13 - ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES

Estudar os fenômenos emocionais nos contextos culturais para distinguirmos manifestações básicas, recorrente em qualquer cultura e outras, secundárias, com diversificações na diversidade cultural nos dá uma melhor noção da função da emoção. Quando a Antropologia coloca a emoção como objeto de análise empresta conceitos teóricos de disciplinas fronteiriças. O exemplo dos primeiros estudos encontrados nas obras de Freud e Mauss mostra que estas categorias, psicologia e sociedade, estavam tão envolvidas que, no decorrer da história, se consolidaram com diversas denominações, entre elas a Psiquiatria Cultural (termo atual escolhido para denominar algumas de nossas instituições).

Por emoção “primária” nos referimos aqui aos sentimentos autênticos, sinônimo de emoção básica. Emoção “secundária” sempre será conseqüência de uma emoção primária, vivenciada de tal forma que seu sentido original se modifica por interferências ideológicas ou da moral no contexto onde está inserido. Por exemplo, o sentimento de medo, por representar uma desonra num determinado contexto, pode ser transformado numa emoção secundária de raiva. Todo psicoterapeuta deve ter a noção de que as emoções de seu paciente, aparentemente primária, pode ser uma emoção secundária que em seus bastidores tem interferências socioculturais ou traumáticas, nesta concernente apenas ao indivíduo. Martins (2004) escreve sobre a criança duramente punida por expressar sua raiva passando a sentir medo (pois expressar a raiva representa o risco da punição) toda vez que estava passando por situações onde teria raiva. Podemos entender que a emoção secundária é aprendida e, pelos seus aspectos defensivos, podem ser disfuncionais. Reações fora do contexto, desproporcionais, muitas vezes são expressões num indivíduo que não consegue lidar com simples emoções primárias, tanto que, exercícios das práticas reichianas ou psicodramáticas que dão evasão as manifestações destas emoções corrigem no paciente os excessos das manifestações secundárias. Martins (2004) chama de “Emoções Instrumentais” os padrões de comportamento emocional usados pelos indivíduos para manipular. Cita como exemplo a birra de uma criança, que depois de aprendido

que este caminho dá uma resposta, a mesma usa para conseguir o que quer. Portanto, os adultos ensinam, não tolerando o choro de uma criança, a recorrerem a birra. No semanário VEJA de 19 de setembro de 2012 a reportagem recebe o nome do “Berreiro Liberado”. Mostra o trabalho da pesquisadora Anna Price, da Universidade de Melbourne, na Austrália, estimulando que os pais permitam o choro de seus filhos, gradativamente dentro de um determinado tempo, onde após esse período a criança volta a dormir sozinha. Este procedimento de lidar mais racionalmente com a emoção apresentada pela criança, ao invés de impulsos de pena e intolerância a dor do filho, pode ajudar a criança desenvolver recursos de adaptação que acabam trazendo benefícios a ela e a família. A reportagem aponta ainda que cerca de 30% das crianças mostram dificuldade com o sono, mostrando ser pertinente aos pais, controlarem suas ansiedades e deixar as crianças chorarem um pouco.

O choro, que numa criança, de início, é expressão de sofrimento (medo, fome) passa com facilidade a esfera de uma emoção instrumental. O tempo desse choro varia conforme as condições de cada uma, mas também da forma com que os adultos lidam com esta manifestação em seus lares. É comum vermos adultos consolando crianças para não chorarem; ou dando presentes para tanto, logo ela aprende que esta manifestação é um legítimo instrumento para conseguir as coisas. É assim que se cria uma criança birrenta, que para corrigir esse comportamento requer muito mais investimento que a educação adequada desde o início. Os primeiros anos de vida são cruciais para as rotinas de sono de um indivíduo e seu comportamento emocional. Se não for saudável este desenvolvimento esta criança, depois o adulto, terá um comportamento confuso, onde seus interlocutores terão dificuldade em saber qual a real mensagem de sua comunicação.

É fundamental o recurso da emoção para a qualidade de uma comunicação em qualquer sociedade. Quando o discurso está harmonizado com as expressões nos comunicamos melhor. A antropologia das emoções é um enfoque analítico sobre este importante tema que vem cada vez mais atraindo estudiosos, que alguns, para tanto, cunham essa expressão. O estudo do homem de forma integral e incluindo a emoção nos homens é objeto de estudo da Antropologia. No contexto mais amplo destes estudos podemos

compreender alguns comportamentos humanos e suas conseqüentes emoções geradas. Só através dos significados culturais compreenderíamos porque o homem se submete ou submete seus semelhantes a esforços e sofrimento.

Com os conhecimentos atuais que dispomos sobre fisiologia e anatomia nos bastidores do comportamento do homem o que podemos acrescentar é que o afeto está tão imbricado com motivos racionais que a nitidez de nossas descobertas é inegável, porém e infelizmente, não fomos ainda capazes de entender o processo destas relações com a mesma clareza. Nem mesmo, podemos entender, de forma clara, a relação do homem com sua sociedade e os diversos fenômenos decorrentes dessa relação deixando o estudo antropológico da emoção ainda cheio de desafios.

2.1.14 - O COMPLEXO SISTEMA NEUROPSICOLÓGICO

Numa rápida passagem pela história ressalto Aristóteles, como um dos primeiros pensadores que relacionou os sentimentos com o pensamento, localizando-o no coração de onde originaria o “pensamento emocional”. Depois dele muitos filósofos europeus se ocuparam deste tema reconhecendo a importância do pensamento e sua função. Um filósofo, teólogo e pai do existencialismo, Sören Kierkegaard (1813-1855), embora morto prematuramente, foi autor de uma vasta obra e parte dela se dedica a angustia, ao medo e à espiritualidade. Dentre seus seguidores, na atualidade, diferentemente de Kierkegaard, ateu e humanista, Jean-Paul Sartre (1905-1980) escreveu que a angustia se dava diante da liberdade e que o homem estaria condenado a ser livre e decidir por sua vida, sem que nada se justifique por adotar este ou aquele valor. Sartre defende que o homem é livre e responsável por tudo que está à sua volta. Somos inteiramente responsáveis por nosso passado, nosso presente e nosso futuro. Mas qual estrutura

orgânico-fisiológica esta na base das reações humanas, que dá ao homem uma tendência de comportamento, independentemente de sua liberdade defendida pelos existencialistas?

Sabemos que diferentes núcleos hipotalâmicos intervêm em diferentes condutas, como se fosse outro cérebro. O cérebro é também uma glândula neurosecretora que regula outras glândulas do sistema endócrino (supra-renais, tireóide, gônadas), que por sua vez, influencia o comportamento humano. Sem a devida consciência e recursos para intervir sobre estas tendências, parece que o homem não é tão livre assim, como preconizou Sartre. A complexidade do sistema neuropsicológico se refere a interconexão entre regiões corticais e límbicas, que ativam, moderam ou inibem o comportamento. O ambiente, ou fatores educativos, além dos culturais, interferem nesta base de tendência fisiológica herdada. Para a ciência experimentos sobre o cérebro dos mamíferos, inclusive o homem, foram gradativamente elucidando as funções de cada área cerebral sobre o comportamento. Pierre Paul Broca, um neurologista francês, já tinha descoberto uma área responsável pela perda total do poder da fala (área de Broca) e em 1878 relacionou circunvoluções do corpo caloso e hipocampo com o comportamento sexual; Klüver e Bucy em 1938 observaram alterações no comportamento de primatas após extirpar parte dos lóbulos temporais; Papez, na mesma época, descreveu interconexões entre áreas das emoções relacionando ao processo de memória a aprendizagem; Conhecido como teoria de Papez-McLean em 1952 veio a concepção partindo do lóbulo límbico de Broca para chegar ao sistema límbico, englobando uma complexa área responsável pelas funções afetivas (Hollweg, 2005).

Na psiquiatria muito se estuda sobre a neuroquímica das emoções, privilegiando ações de psicofármacos que pudessem também influenciar nosso comportamento. As medicações descobertas atuam influenciando sintomas, como ansiedade e depressão, inibindo, por exemplo, a recaptação da serotonina, noradrenalina, ou alterando a modulação dopaminérgica. O trabalho dos Solms (2005) faz uma correlação entre mente e cérebro analisando o comportamento de pessoas acometidas de lesões cerebrais em áreas limitadas e bem documentadas. Em sua obra explicam porque as enfermidades

neuroológicas modificam o paciente como pessoa, considerando que a mente humana com isso devia ser representada pelos tecidos cerebrais. Dependendo da área lesada o sonho se desorganiza; num quadro de afasia de Broca, apesar da perda da capacidade de expressar-se através da linguagem o paciente não sofreu nenhuma modificação de sua personalidade, motivação e emoção. Diferentemente ocorre se as lesões forem sobre os hemisférios cerebrais: no esquerdo leva a depressão e no direito torna o paciente indiferente a sua condição. Damásio, citado por Solms (2005), recupera a teoria de James-Lange sobre a emoção, que a relaciona a percepção do estado do nosso corpo, e acrescenta que nosso cérebro também tem memória de estados viscerais anteriores que podem ser ativadas a qualquer momento.

O sistema límbico (que significa anel) está envolvido na regulação do comportamento e emoções. Inclui estruturas como o corpo amigdalóide, hipocampo, fórnix, córtex cingulado, área septal e corpos mamilares. A amígdala é pequena, em forma de amêndoa e esta situada no lóbulo temporal do cérebro. Ela tanto media repostas emocionais inatas, como as aprendidas, conscientes ou inconscientes e esta conectada a outras estruturas do sistema a que pertence, além de estruturas adjacentes do tálamo e sistema nervoso autônomo. Ela tem também uma função de proteger nosso organismo ao identificar um perigo. Se destruirmos experimentalmente as amígdalas (as de cada hemisfério) os animais alteram o comportamento variando num comportamento dócil, indiferente a situações de risco e com perda da capacidade de escolher adequadamente seu parceiro sexual; inversamente, se estimularmos as duas amígdalas com uma descarga elétrica, os animais reagiram com um comportamento violento. Pessoas com tumores comprimindo a amígdalas são acometidas pelo ódio incontrolável (Martins, 2004). Sabemos que o cérebro nem sempre funciona independente do corpo e quando agimos, parece que enquanto um cérebro é responsável pelas reações, o outro tenta dar-lhe um significado.

As emoções são decorrentes de nossa interpretação das situações em que estamos envolvidos. Para que uma atividade fisiológica possa influenciarnos através do desencadeamento de uma emoção, ela deve ter uma

representação cognitiva e aqui arrisco em afirmar, representação esta adquirida pela herança, por memórias trazidas em nossos genes ou por processos traumáticos ocorridos durante nosso desenvolvimento. Em 1998, durante o Simpósio Internacional de Psiquiatria Cultural que coordenei em Florianópolis, foi curiosa a explicação do psicólogo e parapsicólogo Onofre Menezes (1986) para o fenômeno de um entendimento de um trauma herdado. Ele advoga outra hipótese que nem é proveniente de uma memória genética e nem traumática vivenciada pelo próprio paciente. Para o conferencista haveria a possibilidade de transmissão de mensagens de um cérebro para o outro através de um mecanismo que depende de circunstâncias emocionais. O transmissor da mensagem viveu, no passado, fatos importantes carregados de situações emocionais que arquivou em seu cérebro. Em situações emocionais especiais é ira ocorrer a oportunidade de transferir por via telepática tais mensagens constituídas de conhecimento, emoção e imagens.

Talvez a difícil compreensão de como as reações de uma pessoa se mantém diante de algo que lhe representa perigo, mesmo após esclarecimento cognitivo de que o objeto é inofensivo está no fato de não entendermos também a inter-relação de dois sistemas diversos: o cognitivo e o emocional. Tanto um como outro se influenciam, mas é necessário criarmos situações propícias para isto. A minha cliente que tem medo incontrolável de lagartixa, reage também com alterações fisiológicas mesmo diante de um modelo de plástico (isca para pesca). Um psicodramatista sabe que é preciso criar situações vivenciais para desfazer um trauma em seu paciente, que somente a conversa e a compreensão proporcionada pelas sessões não foram suficientes.

2.2. O PSICODRAMA

De origem romena, Jacob Levy Moreno se destaca no cenário da psiquiatria revolucionando a maneira de conceber o ser humano doente e de tratá-lo. Contrariou os conceitos médicos e valores que prevaleciam em sua época e inovou ao criar o Psicodrama, o Sóciodrama e o Teatro Espontâneo, sendo também, o precursor da psicoterapia em grupo. Moreno recebeu influência religiosa judaica e cristã ainda em sua terra natal e quando tinha 5 anos migrou com a família para Viena, onde viveu Freud, considerada na época, o berço da intelectualidade na Europa. Foi em Viena que completou seus estudos e mostrou ser um grande observador do comportamento humano, sobretudo das crianças, com quem pode trabalhar já no período da faculdade, nos jardins daquela cidade. Neste trabalho com esta faixa etária Moreno investiu tentando estimular a criatividade e espontaneidade (Bernardes, 2011). Moreno também, ainda em sua fase universitária, investiu tanto numa forma de assistência médica a prostitutas, como tentou influenciá-las para que se organizassem como classe e para busca de seus direitos. Foi com elas que exerceu, pela primeira vez na história do mundo civilizado, o que hoje podemos denominar uma **psicoterapia de grupo**. Bernardes (2011), depois dessa primeira grande contribuição deste autor, aponta a **sociometria**, inspirado em seu trabalho junto aos refugiados durante o período de guerra, como sua segunda grande contribuição. Moreno organizou os grupos de refugiados conforme o conjunto de seus sentimentos que fluíam entre eles. O mestre criou a “Casa do Encontro”, ainda trabalhando com refugiados, que proporcionou a eles um local de acolhimento onde pudessem se organizar para reconstituição de suas vidas.

Mostrando traços de um comportamento solidário e humanista e sendo um amante das artes, sua terceira grande contribuição foi o **Teatro Espontâneo**. Nesta modalidade cria um cenário para o desenvolvimento da espontaneidade com sua nova companhia de teatro e com esta iniciativa

desenvolve posteriormente as potencialidades terapêuticas da encenação. Na seqüência, Moreno desenvolve o **Psicodrama**, sua quarta grande contribuição. Esta modalidade, dentre todas as suas outras criações, foi a que mais se popularizou entre psicólogos e outros profissionais de saúde mental em diversas partes do mundo. Ao mudar-se para os Estados Unidos em 1925, continuou seus estudos sobre fenômenos pessoais e grupais, desenvolvendo uma grande quantidade de pesquisas que lhe valeram ao aprimoramento sistemático de sua técnica e seu embasamento teórico.

“O homem é um ator social e co-criador do seu universo”. Esta afirmação no permite entender o porquê essa disciplina pode ser escolhida como referência de uma disciplina que privilegia os aspectos emocionais do ser humano, tanto para o tratamento como para o aprendizado. Muitos autores brasileiros contribuíram para o desenvolvimento da teoria inicialmente criada por Moreno e hoje, podemos afirmar, trata-se de um método com um corpo teórico intensamente aprimorado. Vale ressaltar suas bases, como as teorias do Desenvolvimento da Matriz de Identidade e do Núcleo do Eu, a Teoria dos Papéis, a da Criatividade e Espontaneidade, a do Momento – Aqui-e-agora e, a Teoria da Matriz de Identidade. Alguns conceitos são próprios do psicodrama e sustentados por esse desenvolvimento teórico, dentre eles: criatividade, espontaneidade, tele, empatia, encontro, papel, sociometria, átomo social e catarse de integração, co-consciente e co-inconsciente. O psicodrama ainda possui uma série de recursos, que podem ser utilizados pelos terapeutas com objetivos diversificados durante o tratamento. São eles as técnicas do Duplo, Espelho, Inversão de Papéis, Concretização, Maximização, Dramatização, Onirodrama e Solilóquio, entre outras. “Cada sessão de Psicodrama é dividida em quatro etapas chamadas de aquecimento, dramatização, compartilhamento e processamento. Estas estão sob a responsabilidade do Diretor, com apoio de Egos Auxiliares, a serviço do Protagonista, estando ou não na presença de Público em um Cenário. Pode ser utilizado com crianças, púberes, adolescentes, adultos e terceira idade. Encontra grande aplicabilidade nas áreas organizacional, institucional, educacional, esportiva, social, jurídica e clínica. É extremamente eficiente para trabalhos individuais, mas sua máxima expressão só pode ser obtida em trabalhos grupais. Promove a liberdade e estimula a criatividade na produção dramática e na catarse ativa, pois o

vivenciar a realidade facilita a busca de alternativas para a resolução do que é revelado, promovendo transformações e expandindo os recursos naturais. Surge com uma audácia renovadora e forte conteúdo emocional” (Bernardes, 2011).

Muitos dos conceitos criados por Moreno vieram do teatro, como por exemplo, a teoria dos papéis. Como um “*ator social*” o homem desempenha **seus** papéis. Segundo Fonseca (1980), se referindo à teoria moreniana, os papéis são unidades culturais de conduta. Uma forma do EU se expressar, e ao se expressar segue aprendendo os papéis, podendo até modificá-los. Os papéis vão se constituindo no início de nossas vidas, sendo os primeiros papéis os biológicos (psicossomáticos), precursores do Ego da criança. É a partir dos papéis primordiais que desenvolverão os outros papéis sociais. Em outras palavras, Moreno afirma que nosso desenvolvimento parte dos papéis que desenvolvemos em nossa Matriz de Identidade recebendo influências genéticas, psicológicas e culturais, proveniente do contexto onde somos criados. Como vivemos numa “*teia social*”, todo papel é relacional e, por consequência, encontra no outro, identificações ou complementações.

O psicodrama nasceu do jogo e para seu criador se constitui na terceira revolução da psiquiatria, seguindo as proporcionada por Pinel e depois por Freud. “*Moreno afirmava ser a vida um imenso teatro, mas preferiu, com objetivos de promover o desenvolvimento do homem, trazer esse cenário para o consultório, na sessão psicodramática. Embora não haja uma divisão rígida, o Psicodrama trabalha o indivíduo que sofre, escolhendo-o como protagonista para a dramatização, enquanto no sociodrama, o sujeito é o próprio grupo.*” (NORONHA, 2007).

Também é considerado como ponto central, da teoria moreniana, a espontaneidade, que consiste na capacidade de darmos respostas originais, e adequadas, às situações da vida. A espontaneidade é inata no homem, e como psicodramatistas afirmamos ser o homem um ser cósmico, espontâneo-criativo, e dotado de uma *telessensibilidade* que é a capacidade inata de perceber seus semelhantes.

Ainda, nas bases do Psicodrama, a noção da denominada “*Matriz da Identidade*” nos muni de informações para entender o desenvolvimento pessoal

que resultará nos aspectos caracteriológicos do aluno. Ou seja, através do ambiente doméstico, mais propriamente de sua mãe, que o bebê tem suas necessidades existenciais supridas, dentre elas a necessidade de sobrevivência e as de afeto. A partir desta plataforma de desenvolvimento o indivíduo irá apresentar também os diversos papéis que poderão lhe servir como maneiras de expressar do seu “eu”. Sabemos que a interpretação do psicodrama sobre este desenvolvimento considera que ao nascermos nos encontramos num estado de indiferenciação no Universo, o que é denominada “*Matriz de Identidade Total Indiferenciada*”. Na fase subsequente a criança começa a se perceber e reconhecer o seu “Eu” – esta fase também conhecida como espelho (no espelho eu me vejo como imagem diferenciada dos outros). Ela alterna em concentrações da sua atenção em si e no outro, distingue pessoas de objetos e passa a desenvolver os traços de sua “*telessensibilidade*”. Esta fase é denominada de “Matriz de Identidade Total Diferenciada”, que juntamente com a fase anterior, Moreno denominou Primeiro Universo.

Chamamos de Segundo Universo quando a criança passa a distinguir realidade de fantasia. Mesmo que não abandone totalmente suas incursões fantasiosas, para se manter num mundo real, o que caracteriza esta fase é que a criança apresenta um maior poder desse deslocamento. Portanto nesta etapa o Eu e o Tu são percebidos separados, distintos e aceitos com maior naturalidade. A criança convive ao mesmo tempo com os dois universos, o real e o da fantasia e a partir de então, passa a desenvolver melhor tanto seu papel social como o psicodramático.

2.2.1.A Pedagogia Moreniana

A Pedagogia Moreniana visa garantir ao professor um novo recurso para seu papel de ensinar. Busca agregar um valor humanista a todo conhecimento e prática técnico-científica com a estratégia de realizar esta ação de forma cooperativa com o aluno. Na Pedagogia Moreniana o aprendizado se dá de

forma democrática e participativa, adequando o processo ao contexto do aluno e aos conhecimentos atuais. Trata-se de uma nova abordagem político-pedagógica na educação, onde o professor não estabelece com o aluno uma posição vertical de domínio, mas horizontal de compartilhamento. Esta pedagogia é praticamente a ampliação de como pensa Moreno a respeito do homem, um ser cósmico, inserido em sua rede de relacionamento, consigo mesmo e em todo o universo. Essa relação se dá originalmente em seu próprio contexto através do jogo de papéis, como um ator social.

Esta visão particular da educação, num processo de construção em conjunto do conhecimento e de compartilhamento daquilo que é experimentado num determinado contexto traz transformações e novos significados para a sociedade. Esta didática desenvolve sentidos para o ato de aprender, além de conotar-se como forma progressista para o ato de aprender. A cultura interage com a sociedade e conseqüentemente com a escola, tendo o indivíduo como protagonista dessa interação. Mas a própria escola não se restringe apenas a um ambiente de ensino ou preparação para a vida, sendo também mais um espaço social para desenvolvimento do aluno e onde se pode viver de forma coletiva.

Com o cuidado de não distanciarmos os conceitos que sustentam a prática educacional moreniana da própria prática, ou seja, a compreensão desta ou de qualquer prática dentro de uma relação abstrata com a teoria pode reduzi-la ao limite do idealismo (Lima e Liske, 2004), encontraremos um sentido essencialmente transformador na atividade de ensino. Para Bernardes (2005) o aluno deverá reconciliar teoria com a prática, sua metodologia e ainda a confluência desse conjunto em sua pesquisa.

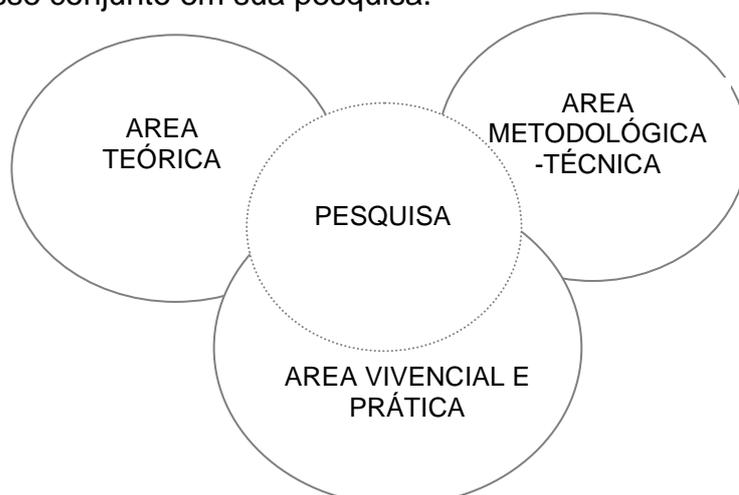


Figura 2: Modelo Moreniano de Educação
Fonte: Marino(2000) apud Bernardes 2005

No ambiente moreniano de ensino, onde o professor ocupa o lugar de diretor, fazendo uma correspondência com o Psicodrama, o aluno tem a oportunidade de um aprendizado de uma forma ampla e juntamente com seus colegas constituírem-se como principal protagonista do ambiente em questão. Deste aluno e seu grupo é que vem a principal força motivacional no ambiente, e couber ao professor os recursos pedagógicos para despertá-la.

Mesmo consolidado como recurso terapêutico, o psicodrama, posteriormente se desenvolve com recurso educacional. Uma das figuras responsável por esse desenvolvimento foi a educadora argentina Maria Alícia Romaña. Ao solicitar a seus alunos como percebem e como sentem aspectos de suas realidades, recriando no espaço cênico condições para suas experiências, a educadora garantia em tudo que era apresentado algo dentro do universo de cada um, e, portanto, algo de seus interesses. Com esta contextualização o aluno mantinha ou criava motivação para o aprendizado e produção de maior conhecimento.

Para Escolástica Puttini,

“Mobilizando a espontaneidade e suas capacidades intelectuais, afetivas e sociais, o aluno se coloca inteiramente no ato de aprender, estabelecendo suas próprias relações com o conhecimento e atribuindo-lhe significados. Esse exercício de ação e reflexão é permeado pela liberdade que caracteriza as realizações psicodramáticas...” (1991).

Para a autora o ambiente lúdico e democrático possibilita condições aos alunos de expressarem suas ideias e sentimentos pessoais sobre temas variados, o que vai a favor de aumentarem interesse e motivações. Sentimo-nos mobilizados se podemos participar ativamente de um processo de aprendizado, pois nos bastidores, todos gostamos de contribuir, mostrar o que sabemos e perguntar o que desejamos conhecer. Num espaço coletivo essa produção de conhecimento se dá energizada pela interação e pode ter

maior estímulo com as dramatizações. Os morenianos entendem que a “identificação” com as situações de realidade, ou seja, quando há relação entre a imagem interna de cada um de nós, com a imagem constituída no espaço psicodramático nos dá inúmeras possibilidades de aprendizado pela compreensão. Neste espaço experimentamos novas maneiras de entender os conflitos e novas relações, se estivermos nos referindo a um tratamento, e analogicamente com a escola, apropriamos novos modos de relação com o objeto do conhecimento. São ambientes de “vivências” os mais apropriados para, na ação, consolidarmos nossas metas de aprendizado.

Da telessensibilidade Moreniana, podemos ressaltar a empatia. Alguns indivíduos têm maior capacidade de expressarem suas emoções e sentimentos. Outros de perceberem estas expressões não verbais nas pessoas. Assim como as palavras são os melhores meios de manifestação de nossa racionalidade, as expressões não verbais, ou seja, nossos gestos, velocidade com que nos comunicamos movimentos do corpo e do rosto, volume e tom de voz são os melhores recursos para manifestar a emoção. Goleman (1995), falando sobre empatia, comenta:

“Em testes feitos por 1.011 crianças, aquelas aptidão para interpretar sentimentos não verbalizados eram consideradas como as mais queridas na escola, eram as mais emocionalmente estáveis. Além disso, tinham melhor desempenho acadêmico, embora, na média, não tivessem QI superior ao de outras menos capacitadas para interpretar mensagens não verbais – o que sugere que o domínio dessa capacidade empática aplaina o caminho para a eficiência na sala de aula (ou simplesmente faz com que professores gostem mais delas).”

Goleman (1995) aponta também em sua obra outro teste realizado de forma multicêntrica e com cerca de 7.000 pessoas, onde quem apresentava maior capacidade de interpretar sentimentos das mensagens não verbais apresentavam também um melhor ajustamento emocional, maior popularidade e sensibilidade.

Se compararmos com o perfil do “professor moreniano”, certamente voltado à espontaneidade propiciando capacidade criadora ao aluno, veremos tratar-se de atento observador e relacionando-se ativamente com seus alunos. Sempre, na sala de aula, promovendo e estimulando a participação e

cooperação entre os alunos. Um dos recursos do professor psicodramatista são seus jogos dramáticos com as atividades de integração do grupo, mas segundo Escolástica Puttini (1991), enfrenta o preconceito entre seus colegas que consideram estas atividades escolares, pouco usuais, como perda de tempo. O professor moreniano, considerando todos seus alunos com um potencial criativo que precisa ser estimulado, não realiza atividades fixando por horas seus alunos em carteiras, quase sempre inapropriadas para tanto tempo sentados. Ele recobra o que cada um sabe a respeito do tema e a partir de então, recria, fomenta esse saber considerando técnicas que elegem temas e protagonistas para o espaço cênico criado para o aprendizado. Até mesmo os conflitos, as indisciplinas, as brincadeiras dispersadoras do objetivo de ensino podem ser abordadas se utilizando da prática moreniana para a compreensão de todos e para buscar uma solução compartilhada.

A abordagem Moreniana na Educação, amparada pela visão Moreniana de Homem se aplica a essa nova abordagem na medida em que afirma que o homem é um ser cósmico que está no mundo em relação com os outros homens, com a natureza, o cosmos e com ele mesmo. Assim, Moreno considera que o homem se constitui na medida em que entra em relação com o contexto no qual está inserido, através do jogo de papéis, ator e autor na co-criação da sociedade e do mundo, tornando-se responsável pela sua construção, (Marino, 2000)

Para Moreno (apud Marino, 2000) a educação como projeto intencional (na comunidade, na empresa e na escola) se dá na co-construção dos significados experienciados entre os parceiros, no contexto sócio-cultural (espaço-temporal), considerando-se o momento vivido e as dimensões afetivo-corporais e cognitivas da condição humana. O movimento de significar e re-significar o que se vive forma um símbolo espiral no qual se transformam as conservas culturais.

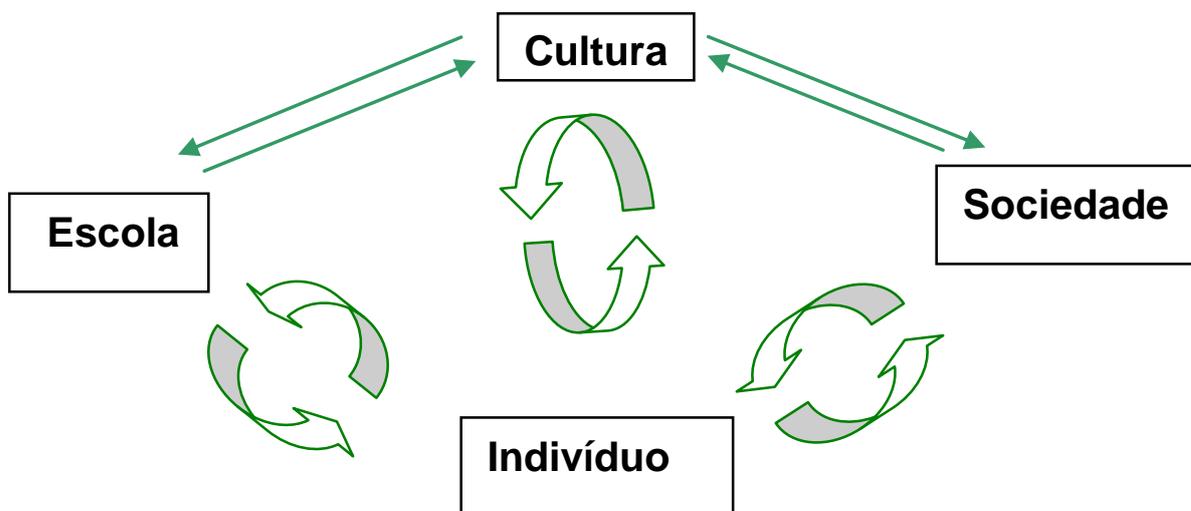


Figura 06 – Esquema de Interação Social

Fonte: Marino(2000 p.2) apud Bernardes 2005

E a autora prossegue afirmando que:

“... essa capacidade de facilitar e criar associações de sentido é que chamamos de capacidade didática. Uma parte da didática ocupa-se, por sua vez, do estudo dos métodos didáticos de forma geral e de maneira específica para as diferentes disciplinas e situações. Ela é chamada de Metodologia... Na transposição do método filosófico fenomenológico para o método didático poderemos dizer que o verdadeiro sentido do conteúdo deve ser procurado através de aproximações sucessivas, na tentativa de diminuir uma distância que jamais se suprimiu. Interpretar criticamente é tentar achar o sentido. A sala de aula ainda pode, e às vezes consegue, continuar a ser um espaço vital. Mas não é o conteúdo do saber que determina se nossa sala de aula, e em consequência se nossa escola será conservadora ou progressista - o meio de transmitirmos, recriarmos e apropriarmos-nos do saber é que será determinante.” (Marino, 2000)

Há um entrecruzamento das Áreas Teórica, Técnico-Metodológica e Prática-vivenciada pelo aluno, permeado pela pesquisa.

3. CAPÍTULO III: METODOLOGIA

É inegável a contribuição de Immanuel Kant (1724 – 1804) na filosofia. Dentre seus antecedentes intelectuais, e admirados por ele, pode se incluir David Hume (1711 – 1776) e Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778). Como vocação de vida: investigar continuamente o universo espiritual do homem e suas universalidades. Sua questão crucial foi a análise “do que significa conhecer”. Impulsionado pelo grande desenvolvimento de duas outras disciplinas, a matemática e a física e por um modelo científico mais aprimorado onde se buscava formas de comprovar experimentos e universalização dos resultados, impulsionado ainda pelo conceito de causalidade de Hume que demolia gradativamente as pretensões de um dogmatismo que afirmava verdades eternas a respeito da essência última de todas as coisas, Kant incursiona posteriormente sobre a ação humana. Tratava não apenas de saber o que o homem conhece, mas como se utilizar desse conhecimento, como deveria agir em relação ao seu semelhante, a sua sociedade. Qual seriam as ações na vida que pudesse direcioná-lo a felicidade, ao bem supremo. Neste terreno Kant se opunha a uma razão apenas cognitiva e revelada por Rousseau, que formulou uma filosofia da liberdade e a primazia do sentimento sobre a razão lógica. Este francês respondia que os sentimentos vieram antes da razão⁹ e preconizava o retorno do homem ao estado da natureza.

Produtor de vasta obra, Kant numa delas, *Crítica da Razão Pura* inicia distinguindo duas formas de conhecimento: puro ou *a priori* e o **empírico**, ou *a posteriori*. Este último, que depende da experiência, observação, não pode estar desvinculado da impressão dos sentidos, enquanto de o primeiro, *a priori*, deveria ser universal, independente dos sentidos e incondicional. Um juízo universal jamais poderia ser produzido a partir de uma experiência sensível. O filósofo distinguiu também juízo analítico de juízo sintético, onde no primeiro o que se extrai do sujeito é aquilo que já está contido nele. Nos juízos sintéticos, ao contrário, se enriquece o conhecimento arriscando a união de dois conceitos: um ligado ao predicado e outro ao sujeito, sendo que esse predicado

⁹ No cérebro humano áreas ligadas a emoção, como o sistema límbico, são mais antigas que o neocórtex responsável pela razão.

não esta dentro do sujeito em questão, sendo extensivo a outros sujeitos. Por exemplo, “todo homem é racional”. Inicialmente o juízo sintético foi também fruto de uma experiência, para agora ser uma extensão na generalização com este outro exemplo: “todos os corpos são pesados”.

A revolução no pensamento humano proporcionada por Kant esta no fato dele ter modificado o modo de encarar a relação entre o conhecimento e seu objeto. Como esta resumida em Os Pensadores¹⁰ “*A revolução consistia em, ao invés de admitir que a faculdade de conhecer se regula pelo objeto, mostrar que o objeto se regula pela faculdade de conhecer*”. Ainda na Crítica da Razão Pura Kant intitula “estética transcendental” fazendo alusão aos princípios apriorísticos da sensibilidade, onde a estética não faz alusão ao belo, mas a sensibilidade e transcendental se refere não especificamente ao objeto, mas ao modo de conhecê-lo. Sensibilidade seria a intuição pela qual os objetos são apreendidos pelo sujeito cognoscente. Depois é a vez da “analítica transcendental” onde o filósofo investiga os elementos apriorísticos do entendimento e finalmente investe na “dialética transcendental” referindo-se ao uso que a razão pode fazer com as categorias do entendimento para criar a metafísica.

O Espaço e o Tempo são formas apriorísticas, independentes de uma experiência sensível, ou seja, aquela que obtemos pela experiência. Abstraem-se as coisas dos espaços, mas nunca o próprio espaço. A argumentação é semelhante em relação ao tempo, também apriorístico, independente da sensibilidade, fundamentação que nos dá noção de simultaneidade e sucessão. Também da mesma forma, tudo no tempo pode desaparecer, sem que o próprio tempo desapareça. Sem o espaço e o tempo é impossível se conhecer qualquer coisa. Uma das premissas kantiniana fundamental é a “consciência da diversidade no tempo” que por um lado produz a consciência de um “eu” unificado (transcendental) e, de outro lado, a consciência de algo que constitui o objeto, enquanto objeto do conhecimento (conhecido pela dedução transcendental, sem nenhuma imposição empírica e sem nenhum elemento subjetivo). Kant diante da complexidade de suas deduções arrisca numa

¹⁰ Os Pensadores – Kant (I) – Abril Cultural – 1980.

pergunta fazendo alusão a um possível elemento intermediário entre os conceitos e a realidade. Portanto, todo conhecimento é obtido através de um processo onde os dados ordenados de nossa experiência sensível, dentro de um espaço e tempo descrito pelo filósofo como elemento apriorístico, geram entendimentos passíveis de serem comparadas as categorias pré-existentes. Não conhecemos as coisas em si mesmas, mas o fenômeno que estão inseridas, suas aparências passíveis de analogia.

Kant foi um ferrenho crítico de uma **metafísica** que conservava afirmações que não podiam passar pelo crivo de sua teoria do conhecimento, ou das provas imposta para tanto. A existência de Deus, ou de um ser supremo, a imortalidade da alma não podendo ser provados pelo método que desenvolveu não poderia ser considerado uma forma de conhecimento, portanto na metafísica criticada por Kant era possível sim “pensar”, mas não significa “conhecer”. “Penso logo existo” de René Descartes (1596 – 1650), importante filósofo francês, é desprovido de intuição, comprovação, válido somente como um pensamento provando nada. Ele analisou as provas sobre a existência de Deus apresentadas no decorrer da história para dividi-las em três argumentos principais: argumento ontológico (de Santo Anselmo e Descartes) que se o homem tem a idéia de um ser perfeito este deve existir, pois senão não seria perfeito. Kant derruba essa concepção da existência pela existência, por considerar que uma categoria a priori só é válida se aplicada à intuição espaço-temporal. O segundo argumento chamou de cosmológico que prova a existência de Deus pelas sucessivas causas dos fenômenos até chegar a uma causa não causada. Kant questiona o porquê da interrupção da categoria de causalidade. O último é o argumento físico-teológico onde se todos os elementos da natureza cumprem uma finalidade a finalidade final deve ser Deus. O filósofo argumenta que se trata de um conceito metodológico inconveniente para ser empregado para descrever a realidade. Falta a experiência. Enquanto a metafísica insiste em conhecer as coisas em si, pretensão esta contraditória, o ato de conhecer algo acaba transformando as coisas em si em fenômenos, aparências. Kant estende sua crítica também a outras metafísicas, como a cosmologia racional, que produz afirmações antitéticas por ultrapassar também limites destas intuições sensíveis e das

categorias necessárias para o entendimento. No modelo de vida que temos, onde as coisas passam a existir a partir de um determinado momento na linha do tempo é compreensível que procuremos raciocinar que o próprio universo passou a existir a partir de um momento. Mas o que havia no universo antes de sua própria existência? O espaço já existia e o tempo, sempre existiu e desta forma como conhecemos?

Mas qual seria o sentido prático do conhecimento desenvolvido por Kant? Se a razão cria o mundo moral seria então nesse campo que poderíamos entender as razões da metafísica, tão persistente na história, apesar de não ser provida dos fundamentos que obedecem aos critérios do conhecimento? Outras obras sucederam a Crítica da Razão Pura, como a Fundamentação da Metafísica dos Costumes, onde Kant desafia encontrar uma filosofia moral pura totalmente desprovida de qualquer conhecimento empírico, impulsos ou tendências naturais. Uma razão totalmente pura estabelecendo normas de conduta. Também importante segue a obra Crítica da Razão Prática, onde de forma contrária, Kant defende a liberdade como razão de ser da vida moral.

Fundamentam a superestrutura científica da psiquiatria e são seus elementos infra-estruturais as ciências biológicas, as ciências humanas, a psicopatologia e a psicologia. Psiquiatria em si não é uma ciência, mas sim uma ocupação, uma profissão, um ofício, uma medicina, uma arte. Porém, por ser um ramo da medicina, a psiquiatria deve ser obrigatoriamente, uma atividade técnico-profissional cientificamente fundamentada e orientada para garantir o estatuto privilegiado na sociedade desde a época clássica. Os alicerces científicos da psiquiatria se radicam na psicologia e na psicopatologia, nas ciências biológicas (sobretudo as chamadas ciências médicas como Microbiologia, Fisiologia, Farmacologia, Imunologia, Epidemiologia) e nas ciências da sociedade (Antropologia, História, Sociologia, Política, Economia).

Devemos destacar a psicologia e a psicopatologia como ciências fáticas que ocupam uma zona de transição entre as ciências naturais e as ciências humanas. Guardam características de ambas e caracteriza seu objeto e deve refletir-se em sua metodologia e na organização de seus conhecimentos.

Além das ciências biológicas, das psicológicas e das ciências da sociedade, o conhecimento psicopatológico atual inclui a participação de

ciências chamadas de transição, como a Etnopsiquiatria, Neuropsicolinguística, a Sociopsicologia e a Psicossociologia, além de um grande conjunto de outras atividades científicas, como a teoria da informação, cibernética, comunicação, informática, teoria dos sistemas, estatística. Mesmo que a ciência não se constitui como a única forma de conhecimento, o **método científico** constitui a mais confiável e desenvolvida forma de gerá-lo. Para esta monografia foi efetivada uma revisão teórica do que consiste a emoção e sua relação com o aprendizado, exemplificando com a prática nos cursos que coordenados pelo pesquisador, onde estrategicamente foi proporcionado vivências das emoções para obter melhor resultado do ensino com nossos alunos.

Nesta presente obra foi utilizado o método indutivo, que partindo de fatos e dados particulares, devidamente analisados, se comparou então com os novos conhecimentos proporcionados por dados científicos para a comprovação das hipótese. Foram observados atentamente os fatos para depois generalizá-los, considerando basicamente aspectos qualitativos. Trata-se de uma Pesquisa Aplicada, onde a atenção foi voltada as repercussões das vivências inseridas num determinado período de ensino em Terapia Social no Estado de Santa Catarina.

A amostra desta pesquisa está representada por um grupo de 80 alunos integrantes do curso de formação da terapia social. Estes integrantes responderam a uma divulgação do curso de forma espontânea e individual. Não há intervenção do pesquisador na constituição da amostra a não ser pelo fato de haver cooperado na divulgação do mesmo. Na medida em que os participantes são co-construtores do processo de aprendizagem e modificam-se ao decorrer do evento trata-se de uma pesquisa-ação

4. CAPÍTULO IV: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Atendendo a proposta de analisar o aprendizado a partir dos novos conhecimentos que adquirimos sobre a emoção devemos considerar duas situações distintas. Uma delas o ambiente escolar, onde os participantes recorrem por obrigação, tradição cultural e por um natural desejo de aprender. Outra situação o ambiente de um consultório, seja do psicólogo ou do psiquiatra, além de outras áreas da medicina. Nesta situação a busca de um tratamento geralmente ocorre quando o paciente está sofrendo de um mal, uma dor, um incômodo. Ele pode recorrer espontaneamente ao tratamento ou ser levado por familiares a este ambiente. Porém, em ambas as situações o trabalho consiste em prover o interessado ou necessitado de conhecimento. Na primeira situação prevalece o conhecimento sobre as coisas e na segunda sobre o processo patológico, sobre si mesmo e sua relação com os outros. Assim como o professor possui sua técnica, o terapeuta também tem sua estratégia para possibilitar o paciente a aprender novas formas de lidar com os conflitos e com sua vida. Por isso é pertinente esta analogia feita nesta obra entre estas duas práticas.

Uma das linhas psicoterápicas mais organizadas, do ponto de vista teórico e prático, que tem intimidade com questões emocionais e que refletiu nesta analogia citada do aprendizado e tratamento é o Psicodrama. Com sua tradicional meta de ajudar as pessoas a aprenderem, a partir da compreensão e o treino de expressões o psicodrama ressaltou a ação psicodramática como recurso para tanto. Uma das autoras mais célebres desta atividade escreveu, de forma crítica, que a estrutura escolar impõe uma forma passiva ao aluno, incompatível com o que ele deveria ter para privilegiar seu aprendizado (Puttini, 1991). A autora atribui às contradições do mundo moderno, que exige respostas “rápidas e criativas” da sociedade e a estrutura escolar propagando em aulas expositivas e cansativas para os alunos um conhecimento, num sentido, que segundo Paulo Freire, citado pela autora, é vertical.

Devemos considerar também as questões da emoção e o aprendizado no ambiente de ensino a distância. A introdução de novas tecnologias permitiu um acesso, mesmo que virtual, de alunos distantes ao processo educacional. Neste sistema é relevante apontar que alguma coisa muda na relação professor-aluno. Pelo fato dos alunos poderem comunicar entre si, na realização de trabalhos solicitados à distância, muitas vezes pela internet, o processo instiga maior cooperação entre eles que apresentam ao professor suas ideias e dúvidas. É pertinente a reflexão de como fica a motivação dos alunos com o distanciamento do mentor, e também é pertinente, considerar a recente experiência de professores neste tipo de ensino. Para os psicodramatistas, como Escolástica Puttini (1991), a aprendizagem deve constituir como um processo de produção criativa do conhecimento. Para ela o psicodrama pode servir para os professores avaliarem como se dá a relação dos alunos com o conhecimento. Considerando que o “ser humano é um ser em relação”, base central da teoria moreniana, a relação professor-aluno, quer seja pelo presencial ou à distância, deve implicar em resultados diretos sobre as consequências do ensino. Um teórico, que focou o tema linguagem, leitura e aprendizado com os recursos de novas tecnologias, afirmou:

“As novas tecnologias de informação e de comunicação fizeram ingressar nos ambientes tecnológicos de treinamento e ensino um poderoso instrumental interacional, capaz de alterar, substantivamente, as possibilidades de relação entres os sujeitos envolvidos e, assim, viabilizar que, nesses ambientes, se criem as condições indispensáveis ao caráter dialógico da educação. A incorporação de ferramentas de interação em ambientes virtuais de aprendizagem transformaram-se, desta feita, mecanismo fundamental na construção de propostas educacionais (VILLARDI, 2005)”.

Também é considerado como ponto central, da teoria moreniana, a espontaneidade, que consiste na capacidade de darmos respostas originais, e adequadas, as situações da vida. A espontaneidade é inata no homem, e como psicodramatistas nós afirmamos ser o homem um ser cósmico, espontâneo-criativo, e, além disso, dotado de uma *telessensibilidade*, ou seja, a capacidade inata de perceber seus semelhantes. Ainda, nas bases do Psicodrama, a noção da denominada “*Matriz da Identidade*” nos muni de informações para entender o desenvolvimento pessoal que resultará nos aspectos caracteriológicos do

aluno. Ou seja, através do ambiente doméstico, mais propriamente de sua mãe, que o bebê tem suas necessidades existenciais supridas, dentre elas a necessidade de sobrevivência e as de afeto. A partir desta plataforma de desenvolvimento o indivíduo irá desenvolver também os diversos papéis que poderão lhe servir como maneiras de expressar do seu “eu”. Sabemos que a interpretação do psicodrama sobre este desenvolvimento considera que ao nascermos nos encontramos num estado de indiferenciação no Universo, o que é denominada “*Matriz de Identidade Total Indiferenciada*”. Na fase subsequente a criança começa a se perceber e reconhecer o seu “Eu” – esta fase também conhecida como espelho (no espelho eu me vejo como imagem diferenciada dos outros). Ela alterna em concentrações da sua atenção em si e no outro, distingue pessoas de objetos e passa a desenvolver os traços de sua “*telessensibilidade*”. Esta fase é denominada de “*Matriz de Identidade Total Diferenciada*”, que juntamente com a fase anterior, Moreno denominou Primeiro Universo.

A teoria moreniana vem a denominar Segundo Universo quando a criança passa a distinguir realidade de fantasia, e mesmo que essa fase não constitua para a criança um total abandono do mundo da fantasia para um mundo de realidade o que entra em questão é o aparecimento de um recurso que se traduz pelo maior domínio para sair e entrar nestes dois mundos. Mesmo, o adulto, não abandona por completo o mundo da fantasia, apenas, em quando tem saúde mental preservada, sabe lidar melhor com os dois mundos. Escolástica Puttini (1991) lembra-se da experiência de Moreno com crianças acometidas de dificuldades no aprendizado, onde este recorria a sua experiência levando ao aluno, primeiro a um relacionamento afetivo que iria, depois, beneficiar o aprendizado. Podemos extrair dessa experiência com o criador do psicodrama o ensinamento: conforme a maneira com que ensinamos o aluno, este será capaz de interrogar-se a si próprio sobre o objeto do conhecimento e desenvolver uma autonomia concernente tanto a aspectos racionais, como afetivos. O cenário psicodramático é um local onde o aluno pode exercitar de forma ampla seu aprender, onde o professor corresponde ao diretor de uma sessão psicodramática, mas a maior e melhor energia deve vir dos alunos, ou daquilo que consiste todo o grupo.

Assim, como pretende Adalberto Barreto com as atividades de ensino da Terapia Comunitária tornar os alunos capacitados como verdadeiros agentes de cidadania, o professor moreniano faz do espaço cênico criado para ensinar, um lugar também para a reflexão sobre os fatos da vida e toda sua amplitude. *“Entende que a mudança social ocorre a partir da conscientização de cada indivíduo no grupo”* (Puttini, 1991).

Em minha experiência como coordenador e professor do Curso de Terapia Comunitária em Santa Catarina introduzi no conteúdo programático aulas sobre o Psicodrama. Eram cerca de 80 inscritos, de uma clientela que incluía profissionais da área de saúde, dentre eles médicos, psiquiatras, psicólogos, enfermeiros, educadores, cientistas sociais, equipes de coordenação e capacitação, lideranças comunitárias da Pastoral da Criança, agentes de saúde, que desejassem desenvolver um trabalho de saúde mental comunitária.

Foram previstas 360 horas de dedicação, sendo que um terço com aulas teóricas, outro com vivências cuidando do “cuidador” e finalizando, o ultimo terço com a supervisão de manejo das práticas, naquela modalidade, dos alunos. Mesmo tratando-se de um grupo heterogêneo os objetivos da capacitação foram gradativamente sendo atingidos. Os participantes deixavam o curso aptos e estimulados para desenvolver, em suas comunidades, ações preventivas e realizar atividades para promoção da saúde. O objetivo era criar condições para inserir o portador de sofrimento psíquico novamente em sua comunidade. Também educadores faziam parte deste curso de capacitação, considerando que tanto quanto outros cientistas sociais, tais como os assistentes sociais, os educadores lidam frequentemente com crises familiares e podem exercer um papel de prevenção das violências, do abandono social, assim como, também, interferir em conflitos coletivos. No citado curso promovíamos o autoconhecimento, como recurso de transformação pessoal e social. Tínhamos como estratégia, prepararmos alunos para atuarem como multiplicadores do saber para a prevenção da saúde entre suas famílias e comunidades.

Eram as seguintes expectativas que tínhamos com o curso:

1. *Favorecer o desenvolvimento comunitário, prevenir e combater as*

situações de violência e desestruturação individual, através da restauração dos vínculos sociais;

2. *Ampliar a confiança do povo na sua capacidade transformadora e resolutiva de seus próprios conflitos;*
3. *Contribuir para a luta contra a violência e a exclusão dos mais pobres;*
4. *Propiciar a comunicação dos diversos saberes (medicina popular e científica);*
5. *Demonstrar, na prática, que a articulação destes saberes è possível e rica para todos;*
6. *Mobilizar os recursos das redes sociais e suscitar uma coparticipação efetiva na resolução das crises e conflitos e na promoção da saúde coletiva;*
7. *Capacitar profissionais e técnicos no campo da saúde e educação para exercerem uma atividade de prevenção e inserção social de indivíduos, famílias e comunidades que vivem em situações de crise e sofrimento psíquico, através de subsídios da Psicologia e das Ciências Sociais;*
8. Utilizar o psicodrama e sua pedagogia moreniana que visa o **aprender no ato** como método de ensino e aprendizagem do curso;
9. Considerar a emoção humana em suas diversas manifestações como elemento constitutivo e facilitador do processo de aprendizagem especialmente no que tange a parte vivencial do curso.

Justificávamos a proposta diante dos desafios da realidade brasileira considerando o aumento acentuado de migrantes, aqueles que deixam seus contextos culturais e reparadores para viverem em outros contextos, onde as chances de melhoras econômicas são os seus objetivos, mas infelizmente também, aumentam as chances de adoecerem por problemas mentais. A miséria e o desemprego eram também fontes consideradas geradoras de estresse, violência e doença mental. Clamávamos por métodos de ensino e tratamento que privilegiasse também as potencialidades culturais locais somadas aos conhecimentos do saber científico. Não queríamos representar uma ciência de exclusão do “outro saber”, o popular. Ao contrário, mesmo que se referindo a terapeutas, os professores valorizaram os recursos culturais como importante dispositivo para fortalecimento de vínculos, ajudando as

pessoas a enfrentarem o sofrimento de outra forma.

É importante também considerarmos outro aspecto para nossa análise, o que se refere ao aluno e seus sentimentos durante o processo de ensino. Os sentimentos são inatos dos seres humanos, já nascemos com eles que interferem sistematicamente nas nossas relações. A cultura interfere, dando valores diferentes a estes sentimentos, estimulando alguns, inibindo outros. Victor Dias, outro conceituado psicodramatista, em sua obra faz um relato dos diversos sentimentos e seus valores:

TABELA 2	VALOR MORAL	VALOR ESSENCIAL
Egoísmo	Mau	Autoproteção
Mesquinhez	Mau	Autoproteção
Vingança	Mau	Respeito
Ambição	Mau	Ser bem-sucedido
Vaidade	Muitas vezes negativo	Autoestima
Interesse	Mau	Boa Política
Prepotência	Mau	Liderança
Ciúme	Mau	Zelo
Vergonha	Bom	Pudor
Admiração	Bom	Aprendizado
Cobiça	Mau	Desejo de igualdade
Inveja	Mau	Destrutivo
Despeito	Mau	Excluído

*Quadro 3: Quadro de referencia de sentimentos e valoração
Fonte: Dias, 2010*

Dias (2010) explica a formação dos sentimentos patológicos quando existe um conflito entre o valor moral e essencial e faz sugestão de manejo. Ora, nas salas de aula, da mesma forma que nos grupos terapêuticos, tanto o professor como o psicoterapeuta enfrentam situações desagregadoras a partir de um indivíduo atuante. Os profissionais, nestes casos, necessitam de habilidades para lidarem com estes incidentes tão comuns e muitas vezes causados por portadores de distúrbios que afetam o convívio social e consequentemente o respeito pelo outro. Queixas de professores em escolas da periferia de uma cidade alegando terem sido agredidos pelos alunos, ameaçados por estes e por seus pais não são incomuns. O Diário Catarinense, em meados de outubro de 2012, divulgou as repercussões de um vídeo, onde a professora perde a cabeça com seu aluno em sala de aula. O despreparo tanto

de professores, como da direção de algumas escolas pode levar pequenos conflitos a dimensões irreparáveis. Como estes casos sempre estão prejudicados por questões afetivas, quais seriam os recursos que os profissionais deveriam dispor para melhorar a postura diante do conflito? Um psicodramatista habilitado possui estes recursos e lida psicodramaticamente com conflito. Mas e o professor? Professores reclamam que, com as novas leis, ficaram alijados de recursos para impor disciplina em sala de aula. Não é difícil através de nossa telessensibilidade ser empáticos com um professor que cotidianamente lida alunos portadores de quadros psiquiátricos graves como hiperatividade, transtornos do espectro impulsivo compulsivo, depressão com ou sem ideação suicida, bipolaridade e psicopatias, além de TDAH, autismo e diversas síndromes. Tais situações poderão interferir no papel escolar, com maior ou menor, influência no desempenho acadêmico e na sociometria grupal, com indicação para tratamento adequado.

Vale considerar que mesmo que aluno portador do distúrbio chegue à assistência médico psiquiátrica, ainda assim, não é evidente que será tratado adequadamente se nos referirmos à escolha de psicotrópicos. Em junho de 2011 em Pittsburgh, nos Estados Unidos, durante o “9º International Society of Bipolar Disorders” ocorreu um debate interessante sobre a ineficácia dos antidepressivos nas depressões bipolares. Dois debatedores, o professor Nassir Ghaemi de uma Universidade em Boston (EUA) e John Geddes do departamento de psiquiatria da Universidade de Oxford, na Inglaterra defenderam de forma oposta seus pontos de vista sobre o tema. O americano chamou a atenção quando afirmou que os antidepressivos não somente eram ineficazes, como também era a principal razão de não resposta dos pacientes ao tratamento proposto. O expositor americano criticou também que estudos com resultados negativos, que desfavoreçam o uso de antidepressivos, sofriam maiores dificuldades de serem publicados quando comparados a estudos consagrando o uso de antidepressivos nas depressões bipolares.

No referido debate em Pittsburgh o professor Ghaemi destacou dois estudos com resultados negativos relacionado ao uso de antidepressivos no tratamento da depressão bipolar, sendo um deles o Step-BD e o outro o Embolden II, ambos patrocinados pelo Instituto Nacional de Saúde Mental dos

EUA. Tratava-se de um experimento clínico aleatorizado e controlado¹¹, onde um grupo de pacientes usou estabilizadores do humor, juntamente com antidepressivos versus outro grupo cujo antidepressivo foi substituído por placebo. Não foi observada pelos pesquisadores nenhuma diferença estatística entre os dois grupos estudados nesse experimento. Já no Embolden II¹² onde foram comparados o uso de quetiapina, paroxetina e placebo os resultados sugeriram cautela no uso de antidepressivo para pacientes bipolares. A quetiapina foi mais eficaz nos efeitos sobre os episódios de depressão bipolar tipo I e melhor tolerada do que a paroxetina (antidepressivo). O próprio professor liderou pesquisas¹³ (estudos de meta-análise) que não mostraram eficácia da associação de antidepressivos aos estabilizadores durante a fase de manutenção do Transtorno Bipolar, comparado ao uso isolado apenas dos estabilizadores. Ficou demonstrado também com esse estudo que o grupo que usou antidepressivo teve mais episódios maníacos que os outros, comprovando os riscos já conhecidos de viradas maníacas com estes medicamentos.

Estarmos atualizados e com conhecimentos para entendermos as emoções como algo que pode ter sentidos opostos diante das metas de ensino e considerá-las para melhorar as teorias do aprendizado é condição indiscutível. O desafio é adaptar o conteúdo programático de cursos para professores, de tal forma que, estes possam ser formados e capacitados para atenderem seus objetivos diante dessa realidade de emoção e aprendizado não podem estar dissociadas.

Constatação consagrada entre os psicodramatista, sobre a importância das vivências tanto nas atividades terapêuticas como de aprendizado, vale ressaltar que desde as atividades do autor da Terapia Comunitária em pesquisa e educação, iniciado em 1983 (Barreto, 2005) o resultado foi o desenvolvimento de um curso onde um terço de sua atenção foi destinada a vivências, sensibilizando os alunos. Avaliando a formatação do curso de Terapia Comunitária, considerando tanto uma abordagem que procura adaptar conceitos teóricos reunidos por seu autor, Adalberto Barreto, a uma linguagem

¹¹ Ver mais detalhes na publicação “Sachs GS et al. Effectiveness of adjunctive antidepressant treatment for bipolar depression. N Engl J Med 2007; 356(17):1711-22.” (na internet: <http://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMoa064135>)

¹² <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20122366>

¹³ <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2718794/>

coerente com os recursos e necessidades culturais da comunidade em foco, Marta Fuentes-Rojas (2011), da Universidade de Campinas, destacou também os aspectos vivenciais do curso. A autora refletiu a experiência de três anos na disciplina que contribui acrescentando aos alunos uma perspectiva diferente na promoção e prevenção da saúde. *“Organizou-se um eixo temático de 60 horas aula teóricas no quinto (5º) semestre, sendo que, dentro das atividades da disciplina, foram incluídas dinâmicas de sensibilização e vivência da terapia comunitária em sala de aula”* (Fuentes-Rojas, 2011). Foram 21 psicólogos, da rede municipal de saúde a serem avaliados no trabalho da autora, a partir do segundo semestre de 2005, onde nos encontros os estudantes tinham oportunidade de socializarem suas dúvidas. Compartilhavam situações marcantes, dificuldades encontradas nos estágios de Terapia Comunitária supervisionada e seus avanços na atuação que se dispunham. Sempre um “aquecimento” com canto e música eram utilizados nos cursos, assim como nas próprias terapias. *“As discussões e as vivências em sala de aula permitiram estabelecer relações entre a teoria e prática. Estabeleceu-se uma dinâmica na sala de aula que possibilitou, através da teorização, voltar à prática para discuti-la, analisá-la, melhorá-la e transformá-la, assim como regressar a ela com novos elementos que permitissem que o conhecimento inicial, a situação da qual partimos, fosse explicada e compreendida de forma integral e científica”* (Fuentes-Rojas, 2011).

O trabalho vivencial e de sensibilização é uma técnica que nos ajudou a desenvolver o conteúdo teórico dessa disciplina, na experiência catarinense que coordenei. Sensibilizou os alunos para uma constatação de seus próprios comportamentos e melhor entendimento do comportamento dos colegas, além de uma melhor preparação de todos para um trabalho coletivo. Na experiência relatada por Fuentes-Rojas, não foi diferente. Depoimentos de estudantes ilustram estas conclusões:

“A disciplina contribuiu bastante com o meu crescimento pessoal; As teorias fizeram um exercício de reflexão muito grande em mim, o que me ajudou em diversos pontos; Passei a ler mais e entender o verdadeiro valor da terapia; Trouxe grandes contribuições para o meu eu; A disciplina despertou em mim um novo olhar para a comunidade, além de mudar a minha percepção sobre a necessidade do trabalho do psicólogo na saúde coletiva” (anotada pela supervisora e publicada em Fuentes-Rojas, 2011).

“Foi experimentando nossas próprias emoções e como elas ocorrem que pude compreender melhor o comportamento dos meus” (professora Maria de Fátima, no relatório do curso de Terapia Social em Santa Catarina). *“ Na aula, a gente exercita a escuta; Não tinha dado tanta importância a parar e me ouvir a mim mesma; A terapia comunitária foi um exercício que serviu mais para mim que para os outros; Ouvir a experiência da comunidade tem me ajudado a perceber o quanto as pessoas têm dentro delas a possibilidade de melhorar; eu não tinha enxergado isso, achava que eu tinha que ter todas as respostas; com a TC, percebi que não preciso, as respostas estão em cada um de nós”* (anotações na supervisão E ainda, de forma mais contundente, a experiência vivencial significou para outra aluna a qualificação do curso jamais constatada em outro momento de sua experiência escolar: *“Posso dizer que essa disciplina mudou minha visão; como psicóloga, me colocou frente a frente com uma realidade que não conhecia, ampliou meu campo de visão sobre os outros, sobre meus próprios colegas, permitiu entrar em contato com meus colegas e não tinha valorizado a importância de parar para ouvir, o importante que foi parar para ouvir, o importante que foi para mim ser ouvida, res-significou o meu curso...”* (anotações na supervisão em Fuentes-Rojas, 2011). *“ Eu me surpreendi com curso que não somente me trouxe benefícios intelectuais, mas me acrescentou como pessoa e me possibilitou trabalhar com mais sensibilidade junto aos meus pacientes”* (Depoimento de Nilza, ex-técnica de enfermagem do Hospital da Polícia Militar em Florianópolis que, após sua formação em Terapia Comunitária, desde há 11 anos vem trabalhando com Terapia Social na Associação dos Policiais Militares, reconciliando seu aprendizado com as Práticas Naturais da qual foi formada).

Tanto nas situações de supervisão quando em aula teórica-prática foram contempladas as técnicas psicodramáticas. Destaca-se a utilização da técnica da tomada de papel, solilóquio e dramatização que se mostraram as mais indicadas para o contexto. O Role-playing de cena também teve seu papel especial.

De todas as etapas do psicodrama a que mais oportunizou a constatação da conexão entre a emoção e o aprendizado foi a etapa do compartilhar. Neste cada aluno, na maioria das vezes em pequenos subgrupos ou mesmo no “grupão” puderam buscar palavras para expressar a suas

emoções. Em muitas ocasiões, praticamente em todas as aulas, havia uma manifestação de emoção com lágrimas. Palavras como especial, fantástico, acolhedor, inspirador, reflexivo, diferente, contagiante foram utilizadas para expressar a opinião dos participantes na vivência/aula que haviam acabado de experimentar.

A partir do segundo encontro os alunos sempre utilizaram, voluntariamente 9 porém sempre acolhidos pelos dirigentes do encontro) uma cantoria de aquecimento. Muitas destas canções eram religiosas e/ou infantis. Era uma forma particular, que brotou espontaneamente do grupo, de se desejarem um bom dia, uma manifestação de alegria, coleguismo e votos que o encontro transcorresse de forma produtiva. Uma dessas canções está transcrita a seguir

*“...Bom dia, meu amigo como vai?
A nossa amizade nunca sai.
Faremos o possível,
Para sermos bons amigos,
Olá meu amigo como vai? ”*
(*musica popular reproduzida pelo grupo*).

*“...Bater a mão, bater o pé
Para entrar na casa do Zé.
Bater a mão, bater o pé
Para entrar na comunidade,
Mas você tem que dar um abraço em alguém...”*
(*musica popular reproduzida pelo grupo*).

Esta foi apenas uma das inúmeras manifestações espontâneas de afetividade e de emoção do grupo. Pode-se observar que emoções como raiva, ironia, intolerância, irritabilidade também estiveram presentes. Nestas ocasiões a coordenação acolhia e buscava soluções racionais para seus efeitos desagradáveis e de impedimentos ao convívio grupal. Estas oportunidades também eram usadas como exemplo para situações semelhantes que, freqüentemente o docente encontra no ambiente de ensino.

5. CAPÍTULO V: CONCLUSÃO

Em conclusão, todo o embasamento que podemos recorrer para entendermos essas manifestações humanas, que vem de fábrica, como as emoções e os sentimentos, não são suficientes para explicar nitidamente como elas influenciam o aprendizado. Mesmo assim, sabemos que são indissociáveis a emoção e o ato de aprender e mais ainda, criarmos condições emocionais qualificamos o aprendizado, além de facilitá-lo. Podemos afirmar que técnicas que lidam promovendo motivação e estimulando a participação ativa dos alunos apresentam melhores resultados. Conseqüentemente podemos afirmar também, que técnicas adequadas utilizadas por professores, como foram exemplificadas com a pedagogia moreniana, podem, além de qualificar o ensino, lidar melhor com conflitos nas salas de aula. À luz dos conhecimentos atuais sobre a emoção, proporcionado pela ciência, sua base fisiológica e seus aspectos socioculturais podem contribuir para o ensino. A forma coletiva de ensino envolve também aspectos emocionais que explicam suas vantagens. As catarses são instrumentos que desencadeiam processos, que na previsão de Moreno viria um dia, reconciliando universalidade de método e praticabilidade. Podemos dizer que ela já chegou.

Independente de serem emoções para **fora** como a alegria, felicidade, contentamento, êxtase; as para **dentro**, como a tristeza, melancolia, amargura; as **favoráveis** como o amor, afeição, carinho; e as **desfavoráveis**, como a raiva e animosidade; bem como as de **aproximação** como a curiosidade, fascínio; e as de **afastamento** como o medo, apreensão foram favorecidas pela pedagogia moreniana e contribuíram para o aprendizado. Claro que emoções como as de aproximação, as favoráveis e para fora, favoreciam o aparecimento de relações télicas positivas e as desfavoráveis, de afastamento e de dentro facilitavam as teles de rejeição ou indiferença.

Se aproveitarmos da pedagogia moreniana, ou seja, de técnicas psicodramáticas na educação estaremos considerando que os desafios de conquistar recursos motivadores e de aprendizado foram atingido pelo professor. Considerando o estudo central deste trabalho, a emoção, conclui-se que ela ainda é algo que precisamos melhor conhecer, porém, com os conhecimentos atuais, dispomos de argumentos concretos para incrementarmos técnicas pedagógicas visando a melhora do ensino.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Ed. Ediouro, Rio de Janeiro, 1985.

BARRETO, A. **Terapia Comunitária – Passo a passo**, Fortaleza, 2005.

BASTIDE, R. **Le Rêve, La Transe et La Folie**, Flammarion, Paris, 1972.

BALASKAS, J. **Natural Baby**, Gaia Books, Londres, 2001.

BENSON, H; STARK, M., “**Medicina Espiritual**”, Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1998.

BERNARDES, M.P. **Psicodrama e Locus: Uma História**. In :Memórias da Psicologia Catarinense. Conselho Regional de Psicologia. 2011.p.75-83.
 _____ . **Perfil Psicológico e a Escolha da Profissão : Estudo de Caso em Cursos de Engenharia**. Dissertação. (Mestrado em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC). Florianópolis, 2005.

BOINOD, A.J. **Tingo – O Irresistível Almanaque das Palavras que a Gente Não Tem**, Ed. Conrad, São Paulo, 2007.

CASTRO, de A. **O Homem – sua Explicação**; Vol. I, Noologia Geral ou Teoria da Irrealidade; UFBA, Salvador, 2006.

COLLOMB, H. **La Psychologie Sociale en Afrique : Le Point de Vue du Psychiatre**; Ver. Int. Sc. Soc.; vol XXIV, n° 1 ; 1972.

_____ **Psychiatrie Traditionnelle en Afrique**; Conference à La Havane, mars 1974 (Rev. de Psychiatria – Cuba – ms, 18p.).

DAMÁSIO, A.R. **O Erro de Descartes - Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. Cia das Letras, São Paulo, 1996.

DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência**. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 1999.

DAMATTA, R. **Relativizando – Uma Introdução à Antropologia Social**. Ed. Rocco. RJ. 1987.

DARWIN, C. **A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais**. Cia das Letras, São Paulo, 1965.

DEVEREUX, G. **Essais d’Ethnopsychiatrie Générale**. Gallimard, Paris, 1977.

DIAS, V. e col. **Psicopatologia e Psicodinâmica na Análise Psicodramática.** – Vol III”, Agora, São Paulo, 2010.

FONSECA FILHO, J.S. **Psicodrama da Loucura – Correlações entre Buber e Moreno.** Ed, Ágora, São Paulo, 1980.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala.** Ed. Record, Rio de Janeiro, 1998.

FUENTES-ROJAS, M. **A Terapia Comunitária como Instrumento de Sensibilização para o Trabalho com Comunidades na Formação do Psicólogo.** Psicologia: Ciência e Profissão, 2011, 31 (2), 420-435.

GAZZANIGA, M.S. **El pasado de la mente.** Barcelona, Ed. Andres Bello, 1998.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional.** Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 1995.

HOLLWEG, M.G. **Hacia Uma Psicobiologia Antropológica.** Division Imprenta, Santa Cruz de la Sierra, 2005.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Ed Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.

KLAUS, Marshall & Phyllis. **The Amazing Newborn.** Addison-Wesley, New York, 1985.

KOESTLER, A. **O Fantasma da Máquina,** Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1969.

LEDOUX, J. **Cérebro Emocional:Os Mistérios Alicerces da Vida Emocional,** Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.

LIMA, L.M.S., LISKE, L.P., **Para Aprender no Ato – Técnicas Dramáticas na Educação,** Agora, São Paulo, 2004.

MARCHI, L. **Wilhelm Reich, Biographie d'une Idée.** Fayard, Milão, 1973.

MARTINS, J.M., **A Lógica das Emoções na Ciência e na Vida.** Ed. Vozes, Petrópolis, 2004.

MATURANA, H., VARELA, F. **A Árvore do Conhecimento.** Ed. Palas Athena, São Paulo, 2002.

MEAD, M., **Sexo e Temperamento,** Ed. Perspectiva, São Paulo, 1979.

MENEZES, O.A. **Parapsicologia e Regressão de Idade,** Loyola, São Paulo, 1986.

MORENO, J. L. **El Teatro de la Espontaneidad.** 1977, Vancu, Buenos Aires
_____. **Fundamentos do Psicodrama.** 1993, Summus, SP
_____. **Psicodrama.** 1993, Cultrix, SP

_____. **Psicoterapia de grupo e Psicodrama**. 1959, Meste Jou, SP

NEIL, A. S. **Liberdade Sem Medo**. Ed. Summerhill. IBRASA, 1980, São Paulo.

NORONHA, M. **Terapia Social**. Letras Contemporâneas, Florianópolis, 2007.

_____. **Distúrbios Específicos De Culturas**, J. bras. Psiq. 42(5): 279-284, 1993.

OLIVEIRA, D.S.T; FERREIRA Filha, M.O., **Contribuição dos Recursos Culturais para a Terapia Comunitária Integrativa na Visão do Terapeuta**. Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre, set;32(3):524-30, 2011.

PEWZNER, E. **El Hombre Culpable**, Ed. Univ. Guadalajara, Guadalajara, 1999.

PUTTINI, E.F.; PASSOS, L.F.; COSTA, M.C.M.; URT, S.C. **Psicodrama na Educação**. Ijuí, Unijuí Ed., 1991.

PUTTINI, E.F., LIMA, L.M.S, e col. **Ações Educativas – Vivências com Psicodrama na Prática Pedagógica**, Ágora, São Paulo, 1997.

REICH, W. **Reich Parle de Freud**, Payot, Paris, 1972.

_____. **Análise do Caráter**, Martins Fontes, Lisboa, 1979.

_____. **Psicologia de Massa do Fascismo**, Martins Fontes, Lisboa, 2001.

ROJAS-BERMÚDEZ, J.G., **Teoria y técnica psicodramáticas**, Barcelona, Ed. Paidós, 1997.

SOLMS, K & SOLMS, M. **Estudos Clínicos em Neuro-Psicanálise**. Lemos, São Paulo, 2005.

VIEIRA, M. **A Reforma da Família e da Ética**. IFAE, São Paulo, 2000.

VILLARDI, R.; OLIVEIRA, E., **Tecnologia na Educação: Uma Perspectiva Sóciointeracionista**. Dunya, Rio de Janeiro, 2005.

YALOM, I.; LESZCZ, M. **De Frente para o Sol**; Ed. Agir, Rio de Janeiro, 2008.